



Jornal

UNIVERSITÁRIO

Nº 2-3 RECIFE — OUT. NOV. — 1977
PREÇO CR\$ 3,00

ÓRGÃO
DA
UFPE

Lado cômico do futebol, uma boa

Saber Português:
ainda um desafio

Piano: privilégio
de uma minoria



Moedas retratam
tempo e espaço

Criado Núcleo
de Estudo do
Sagrado



UM TEATRO LIVRE:
FESTA NAS RUAS

Reitor vê como se
faz arte com barro



Longe da escola, piano é ensino de pouco acesso

Por que o piano tem se constituído num instrumento musical pouco acessível, ao alcance de um reduzido número de pessoas (?) e qual a sua importância no desenvolvimento da cultura musical no Brasil? E quais as barreiras quanto ao aprendizado desse importante instrumento?

É a Professora Eliane Caldas Silveira, uma das maiores autoridades em piano, em Pernambuco, portadora de um rico currículo, quem nos oferece as respostas, ao tempo em que se prepara, na condição de coordenadora, para a realização do II Concurso



Nordestino de Piano, em novembro deste ano, no Recife.

Incentivar o gosto pelo piano, entre os jovens estudantes, tem sido um dos principais objetivos do trabalho da Professora Caldas, principalmente quando se programam concursos e outras formas de arregimentação de novos valores.

Coordenadora do Curso Piano da Escola de Música da UFPE, a Professora Eliane Caldas resume assim o seu currículo:

AMBIENTE DISFAVORÁVEL AOS MUSICOS

JU — O que representa o movimento de concursos de piano para a divulgação da música?

ELIANE — É uma maneira de divulgar a música erudita entre o público jovem e de movimentar a vida musical das cidades em que os concursos se realizam; mas é também, no que diz respeito aos participantes do concurso, a oportunidade que se dá aos jovens valores de aparecerem, ou de se afirmarem, no cenário pianístico regional, ou nacional, conforme a amplitude do certame.

Correspondem, no campo da música, às oportunidades de revelação que são dadas, por exemplo, aos escritores, nos concursos de romance do tipo Walmap ou nos de peças de teatro, do S.N.T.

JU — E a presença de jovens nesses concursos?

ELIANE — Geralmente estruturados em faixas diversas, os concursos de piano atuais permitem a participação de concorrentes, cujas idades quase sempre variam entre os dez e os trinta anos. Veja o caso, por exemplo, do II Concurso Nordestino de Piano que juntamente com a Profa. Arlinda Rocha e o apoio do Magnífico Reitor Paulo Maciel, estamos buscando realizar, aqui em Recife, sob os auspícios da UFPE, e com o patrocínio — para os prêmios — de instituições bancárias ou de firmas industriais de Pernambuco. Desse concurso participarão candidatos que serão divididos pelas faixas «Infantil», «Juvenil» e «Adulto». Pela primeira e pela segunda faixas, poderão candidatar-se a prêmios diversos (nos quais, mais talvez que a importância em dinheiro, vale o estímulo da classificação) concorrentes cujas idades irão variar entre 19 a 13 anos e 14 a 17 anos. Ora, o número de inscrições já efetuadas, dá prova de que, realmente, a «presença dos jovens» a que você se refere, será, mais uma vez, bastante significativa.

JU — Sua experiência na formação de novos valores?

ELIANE — Tenho tido, estudando sob a minha orientação, muita gente dotada para a música. Mas poucos são os que realmente vêm a ser bons pianistas. É que infelizmente o meio-ambiente não é, ainda, muito favorável para os músicos. Assim, muitos deles, às vezes, até, já quase no fim do caminho, desistem da Música Erudita, optando por profissões mais rendosas e que exijam menos dedicação.

JU — As escolas desempenham a contento o papel de educar seus alunos para a música?

ELIANE — As nossas escolas, apesar do grande esforço e da boa vontade de seus dirigentes, longe estão de desempenhar a contento esse papel. Enquanto na Europa os currículos das escolas primária e secundária são adaptados para os estudantes de música, tal não ocorre entre nós. Lá os jovens que vão se dedicar ao estudo de um instrumento, desde cedo recebem uma ampla educação musical. Aqui, não é raro encontrarmos jovens alunos que já dominam um determinado instrumento, mas tudo desconhecem em matéria de História da Arte e até da História do próprio instrumento a que se dedicam, o que os impede de perceber muitas vezes as nuances que diferenciam os estilos das diversas épocas.

«AOS QUATRO ANOS TOCAVA DE OUVIDO»

JU — Como o piano pode deixar de ser um instrumento elitizado?

ELIANE — O piano, ao meu ver, será sempre um instrumento mais de elite que popular. Digo isto porque para o domínio desse instrumento são necessárias longas horas de treinamento pessoal (alem, e claro, do indispensável talento) o que, inclusive, não se coaduna com a pressa e o sentido utilitário do emprego do tempo, tão em voga nos dias atuais.

JU — Quais as vantagens de torná-lo um instrumento popular?

ELIANE — Seriam óbvias as vantagens de se conseguir tornar popular qualquer instrumento de alta e rica tradição musical, como é o caso do piano. Mas, como superar as dificuldades acima aludidas?

JU — Quando começou a sua afinidade com a música?

ELIANE — Começou muito cedo. Aos quatro anos tocava de ouvido, com um só dedo, as músicas de carnaval que ouvia no rádio.

JU — O que a faz se dedicar a esse trabalho?

ELIANE — O prazer pessoal que sempre senti ao estudar piano. Depois, o grande incentivo que recebi da minha mãe (a minha avó materna era pianista), dos meus primeiros professores aqui no Recife — Hilda e Nysia Nobre e, poste-

riormente, Waldemar de Almeida — sem contar o grande estímulo que recebi, desde o meu primeiro concerto público, aos 10 anos de idade, do nosso saudoso Valdemar de Oliveira, então crítico musical do Journal do Commercio.

O QUE REVELA UM BOM PIANISTA

JU — Qual a importância social de sua arte?

ELIANE — As respostas que dei no início às suas perguntas anteriores, com relação ao problema de ser o piano um instrumento elitizado e da impossibilidade de torná-lo mais popular, diziam respeito, naturalmente, a questão da formação de instrumentistas. Mas, pode-se gostar de ouvir piano sem que se saiba tocar piano. Olhado sob este aspecto e que se poderia pensar em popularizar esse instrumento, formando-se um largo público ouvinte. Assim, levando a música ao povo, através de apresentações públicas, sinto que estou cumprindo uma importante missão e contribuindo para a elevação cultural e o apuramento da sensibilidade desse mesmo povo.

JU — O que é o piano para você?

ELIANE — Faz parte do meu «eu», sem ele não consigo me realizar totalmente.

JU — O que é preciso para ser um bom pianista?

ELIANE — Em primeiro lugar, ter talento musical, isto é, ser dotado para a Música. Em segundo lugar, dedicar-se a um mínimo de 4 a 5 horas de treinamento diário, sobretudo se já se atingiu um determinado nível técnico. E isso, depois de muita perseverança e força de vontade, pois não é fácil chegar-se a esse nível técnico exigível para que se possa ser considerado um bom pianista, embasamento indispensável ao trabalho interpretativo que, verdadeiramente, é o que revela o bom artista.

JU — Qualquer um tem condições de se dedicar ao piano?

ELIANE — Claro que qualquer pessoa pode se dedicar ao estudo do piano, mas nem todos chegarão, realmente, a ser bons executantes. Até lá chegarão somente os mais dotados, de real talento.

«O CONSOLO É QUE ESSA DESOLAÇÃO NÃO É UNIVERSAL»

JU — Um grande pianista do presente?

ELIANE — Um é pouco: assim, prefiro citar entre os mais jovens: Nelson Freire, Artur Moreira Lima, Antônio Guedes Barbosa, Roberto Szidon, Cristina Ortiz (no Brasil) e, na Europa, Christophe Eisenbach, Tamás Vasary, Paulini, Askenasey.

JU — Pianistas da geração passada?

ELIANE — O grande Rubinstein (ainda vivo), Backaus, Clara Haskill, Giseking e as nossas grandes Magdalena Tagliaferro e Guiomar Novais, que ainda obtêm enorme sucesso em seus concertos aqui e no exterior.

JU — Como você define o público de concertos de piano?

ELIANE — O público de concertos atualmente é, pelo menos no Recife, muito reduzido. Com a agitação da vida moderna, em que tanto se corre de um lado para o outro, quase sempre falta tempo e disposição para se ir a um teatro ouvir boa música e alegrar a alma. Os próprios alunos vivem correndo de suas aulas de música para as de outros cursos que, por precaução, paralelamente seguem, o que os obriga a entrarem pela noite a dentro assistindo às aulas de disciplinas que nada têm a ver com Música. Os próprios professores, às vezes se vêm obrigados, em virtude dos baixos salários que percebem, a viajar para o Rio Grande do Norte ou para a Paraíba, onde também lecionam, passando metade da semana fora do Recife, o que também os impede de frequentar concertos e recitais. E assim, desapareceu aquele público antigo que enchia o Teatro Santa Isabel nos concertos da Sociedade de Cultura Musical, hoje reduzido a meia dúzia de fiéis aficionados. O que consola, porém é saber que essa desolação não é universal. Em Paris, por exemplo, vimos há poucos anos atrás, em sucessivos recitais, o Teatro do Palais de Chaillot, de lotação correspondente ao triplo da do nosso Santa Isabel, encher-se literalmente de gente de todas as idades para ouvir Richter ou Gilels. E sabemos que no Rio e em São Paulo, o movimento musical continua intenso e as salas de concertos sempre cheias.

JU — Seus planos para o futuro em relação a música?

ELIANE — Continuar tocando, ensinando e voltando à Europa, dentro de mais algum tempo, para tomar novo alento.

«Nasci no Recife a 27 de setembro de 1936. A minha formação musical foi feita aqui até os 20 anos, quando segui para a Europa, em consequência de um Primeiro Prêmio conseguido em Concurso Nacional de Piano, realizado no Rio de Janeiro. Fiquei um ano em Paris, onde estudei com Magda Tagliaferro e Lazare Levy. Depois segui para Varsóvia, com nova bolsa de estudos, e ali fiz curso de especialização durante seis meses. De lá rumei para a Áustria, onde permaneci outros seis meses, fazendo curso de aperfeiçoamento na Academia Superior de Música de Viena.

Dez anos após esse primeiro estágio europeu, voltei por mais dois anos à Europa: fiz, então, novo curso em Varsóvia, durante oito meses e me pus a observar os métodos pedagógicos utilizados nas Escolas de Música da Polónia. Depois fiquei mais um ano em Paris, onde me licenci em música pela École Normale de Musique. Durante as férias frequentei cursos vários na Academia de Mozarteum de Salzburg, como o de Música de Câmara, com o Prof. Walter Kleue.

Sempre pauseando suas frases com um leve sorriso, ela deixa transparecer seus olhos formadores de partituras significativas, onde se lê um verdadeiro sentido de amor à música, e continua: «ensino piano desde a fundação, em 1960, do Curso de Música, da Escola de Belas Artes da UFPE (hoje Centro de Artes e Comunicação). Também dou aulas no Conservatório Pernambucano de Música. No momento estou coordenando, juntamente com a Profa. Arlinda Rocha, o II Concurso Nordestino de Piano. O I Concurso Nordestino de Piano realizou-se em 1975 e pretendemos levá-lo avante, numa realização bienal».

Concurso é incentivo para novos valores

Com a finalidade de incentivar e apoiar aqueles que se dedicam ao estudo de piano e estimular a descoberta de novos valores, será realizado em novembro próximo, no Recife, com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco, o II CONCURSO NORDESTINO DE PIANO, que constará de um programa inteiramente constituído por obras de Ludwig von Beethoven, em homenagem a esse grande compositor, por ser 1977 o ano comemorativo do Sesquicentário de sua morte. Para as inscrições foram estabelecidas as seguintes faixas: infantil, até 13 anos (sete inscritos); juvenil, até 17 anos (oito inscritos) e adulto, até 32 anos (oito inscritos).

Segundo o regulamento do concurso: cada candidato será responsável pelas suas despesas; todas as músicas que constituem o seu repertório, deverão ser executadas de memória, pelo candidato; o julgamento será feito por meio de notas de 1 a 10, obedecendo aos seguintes critérios: técnica, dinâmica, estilo, interpretação e outros que a Comissão Julgadora estabelecer; as provas serão classificatórias, havendo duas provas para cada faixa; será classificado para a prova seguinte, o candidato que obtiver nota igual ou superior a 7 (sete) na média; serão classificados 1º (primeiro), 2º (segundo) e 3º (terceiro) lugares, em cada faixa, os candidatos que obtiverem as médias mais altas; a Comissão será constituída por um presidente e quatro jurados escolhidos entre musicistas de reconhecida capacidade; não poderão participar da Comissão Julgadora, professores que tenham alunos participando do Concurso; e inclusive a Comissão poderá não atribuir prêmio no caso de ser verificado que o nível técnico e artístico não foi alcançado, para determinada classificação, dentro das respectivas faixas.

Todos os candidatos que participarem do Concurso só receberão um CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO. Os prêmios para os 23 músicos inscritos são os seguintes: Faixa Infantil — Cr\$ 3.000,00, 2.000,00 e 1.000,00 para os três primeiros lugares. Faixa Juvenil Cr\$ 5.000,00, 3.000,00 e 2.000,00. Faixa de Adultos — Cr\$ 10.000,00, 6.000,00 e 4.000,00.

É o seguinte, o programa para a Faixa Infantil:

1ª PROVA - Beethoven: Um tema com variações (livre escolha)

Beethoven: Uma peça (livre escolha)

2ª PROVA - Beethoven: Sonata em Fá Maior (confronto) Beethoven: Uma Bagatela (de livre escolha entre as op.33, op.119, e op.126)

Programa da Faixa Juvenil:

1ª PROVA - Beethoven: Um tema com variações (livre escolha) Beethoven: Uma peça a escolher entre as Escalas em Mi bemol, o Prelúdio em Fá menor e uma das Bagatelas op.33, op.119, op.126

2ª PROVA - Beethoven: Rondó op.51 nº 1 (Dó Maior) Confronto. Beethoven: Um tempo vivo de Sonata.

Programa da Faixa de Adultos:

1ª PROVA - Beethoven: Uma sonata (de livre escolha, exceto as op.49, nº 1 e 2 e op.79) Beethoven: Uma peça a escolher entre a Polonesa op.89, a Fantasia, op.77 e o Rondó a Capricho op.129.

2ª PROVA - Beethoven: Andante Favorito em Fá Maior (Confronto) Beethoven: Um tema com variações (livre escolha).

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Lafayette Bezerra
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedito de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas e Cooperação Internacional	Miguel Otávio de Melo Júnior
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no casarão n.º 574, da Rua Joaquim Nabuco, Graças — Recife — PE.

Tratamento igualitário

A questão da arte popular está na crista da onda. Uns querem saber o que significa **arte popular**; outros, porém, indiferentes às conceituações, indagam pelo real lugar do artista popular numa sociedade como a nossa. Ambas as perguntas são absolutamente cabíveis, mas ninguém tem encontrado as respostas adequadas. E, excessivamente modestos, aqueles que escrevem sobre a arte popular avisam, de antemão, que não pretendem dar a última palavra sobre o assunto. Faz-se, contudo, a esta altura dos acontecimentos, um alarido tão grande em torno do tema que, se para nada mais servissem, tais concepções serviriam (e servem, sim), no mínimo, para tornar ainda mais relevantes as preocupações de caráter cultural que, neste final de década, assoberbam a sociedade brasileira. Mesmo porque, embora o interesse teórico pela arte popular não seja exatamente novo, agora ele é mais intenso do que antes, além de estar revestido de novas e brilhantes roupagens.

Mas, o que é arte popular? E quem é o artista popular? Ora, na Grécia dos tempos heróicos, e as epopeias homéricas bem o atestam, o **aedo** — que a tradição geralmente encara como sendo cego e pobre — é o retrato típico do artista popular. Se bem que a arte declamada pelos **aedos**, a poesia épica, não seja, hoje, considerada arte popular. De fato, o poeta Homero — inesgotável fonte de inspiração para os cantadores de então — não é um artista popular e, por conseguinte, não fez arte popular. Da mesma forma, os nossos atuais cantadores nunca cultuam a poesia de um poeta erudito como, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade. Mas, na realidade, a poesia popular — que é confeccionada por homens sem nenhuma sofisticação intelectual — não passa de uma variante a mais da arte popular fecunda, sim. Pois a arte popular sabe ser fecunda, mas variantes outras

como a cerâmica, a xilogravura, a escultura, a dança e a música, etc., também se inscrevem no âmbito da arte popular.

Assim, expressões como **arte popular**, **artista popular** (ou, para sermos mais exatos, **cultura popular**), são, queiram ou não os seus historiadores, caracterizadas por muitas imprecisões. O que é natural, pois, sendo o Brasil um país rico de contradições vitais, com suas estruturas econômicas, políticas e sociais ainda mal definidas, a sua cultura não poderia deixar de ser um fenômeno cheio de imprecisões. Ferreira Gullar e Carlos Estevam escreveram demais sobre o assunto, cada um, é claro, focalizando-o sob diferentes pontos de vista. No entanto, ambos chegaram à conclusão de que a cultura popular é um instrumento de educação, um veículo destinado a proporcionar às classes econômicas e culturalmente desfavorecidas uma consciência política e social.

Por outro lado, jornais da imprensa alternativa e uma importante revista semanal andam veiculando matérias que comprometem justamente aqueles que, vez ou outra, aparecem como incentivadores dos artistas populares. Seguindo a imprensa, que toma posição firme ao lado dos «prejudicados», certos pesquisadores vêm agindo de maneira não muito correta com relação aos artistas populares. Por exemplo: o produtor de discos Marcus Pereira teve de negar acusações segundo as quais teria ludibriado a boa fé do cantador Otacilio Batista. Verdade ou não, trata-se de um caso que merece melhores atenções. Também não é bom dispensar uma proteção paternalista ao artista popular, pois ele mesmo, consciente que é do seu valor, não deseja semelhante proteção. Deseja, isto sim, um tratamento igualitário, proporcionalmente justo para ambas as partes, a fim de que a arte popular brasileira não abandone, no meio do caminho, os seus mais autênticos interesses.

Perspectiva

ROBERTO AGUIAR

CAMINHANDO SEM CANTAR

Hoje, a acusação de reacionário é facilmente impingida aos que, ocupados com o significado histórico do agir, recusam-se a fazer coro à Banda do Protesto. Como muitos, fui um apaixonado de sessenta e oito. Acreditei na Ventania burguesa de que a burguesia poderia ser contra a burguesia. Caminhei cantando e seguindo a canção e vi, em dezembro do mesmo sessenta e oito, nove dias após me tornar cidadão pleno, com desengano e vergonha, a extrema direita sacralizar-se no poder, por efeito da esquerda que eu abraçara. A realidade foi mais forte, mas, muito mais forte do que meus sonhos burgueses de fraternidade...

Corriqueiramente, o que concordo, se diz das esquerdas brasileiras, que têm mais contribuído para a reação, do que para a inovação, no país. O Congresso de Ibiúna não foi o único exemplo. Sexta-feira, treze de dezembro de mil novecentos e sessenta e oito, não é a única data de êxtase da direita, no Brasil. E, quando me recordo da orgia revolucionária com que moças de Copacabana e rapazes intrépidos, caminhávamos disparadamente, cantando Vandré, rumo ao **retorno** democrático, indago hoje, quando aquelas coisas passadas são tão presentes, se não estariam, mais uma vez, ofertando a cabeça do Profeta a Herodes? Márcio Moreira Alves, digo, Alencar Furtado... não seria, de novo, Ibiúna na greve de Brasília? Ou, seria acomodação reconhecer que a mudança social brasileira dependeria muito de Jimmy Carter e de tudo quanto ele representa?

Não temos, no Brasil, um pensamento historicista transladado em ação política inovadora. Gláucio Veiga, parece-me, tem dito isto, nos seus recentes artigos. A consciência histórica brasileira, ou, noutras palavras, a consciência da História Brasileira, tem sido, fundamentalmente, uma consciência do passado brasileiro. Na direita, pelo menos isto é lucidez. A esquerda, no Brasil, infelizmente, presa por miragens do futuro, ainda não tem este sentido do passado. Mas, para quem compreende a História não apenas no passado, como a reação faz, nem apenas situacionalmente no presente, como fazem os sartrianos, terá de concebê-la, sinteticamente, como reflexo e projeção do agir humano. Efeito e projeto do tempo. Não basta a História do que o Brasil já foi, por mais que hoje brilhem os sonhos de donatários punindo negros. Nem é suficiente saber que dói-nos, por todas as razões, a vergonha do presente. A História, também, é o projeto da História. Não é canto, mas é, essencialmente, caminhar.

Como antes, continuo a crer e a desejar o novo. Sem qualquer Reforma disfarçada, creio na transcendência histórica. Quero dizer, que não consigo conceber a cristandade medieval sem o paganismo helênico e o profetismo judaico. Não compreendo a Reforma, sem o medievalismo católico e, para mim, é inconcebível a Reforma sem a Revolução Francesa que lhe completa o ciclo histórico. O presente, ao meu ver, é sempre um fluir de futuro e este, invariavelmente, e potência do passado. O futuro é o possível, mas o possível, frequentemente, não é o que, privilegiados de elite, ambicionamos. Reside, primeiro, na concretude do factual do que na contingência do cogitável. Embora, com todas as forças do coração, não acredite em História, sem Vontade. Inovar será, sempre, revolver razões. Irrracionalmente. Apaixonadamente. Mas, esta irracionalidade e esta paixão não de ser também, históricas, quero dizer, que vontades e paixões distanciamos da realidade não fazem História.

Não creio na indole, essencialmente, democrática do povo brasileiro. O brasileiro é, sobretudo, um dependente. Acostumado a ser mandado. Embora, esta constatação violenta todos os meus desejos e sonhos. Somos cento e dez milhões e, mesmo

subjugados, todos, no máximo vinte milhões desejamos, hoje, a democracia e a liberdade. Aqui na Terra o que dá é futebol, samba e rock-holl, como diz Chico Buarque. Transformar esta realidade é, antes de tudo, assumi-la, como primeiro passo. Não há o libertar, sem o libertar-se. A democracia é incompatível com qualquer tipo, interno ou externo, de mandonismo, subserviência ou dependência. Mas, lutar pela democracia não foi, nem é, igual a protestar, por mais que seja natural e defensável o direito juvenil de esperar. E este é o caminho mais difícil. O homem nu é, sempre, um desafio. Os adornos são encantadores como a sereia.

Se, como cidadãos do mundo, desejarmos a democracia, não devemos concordar com os interesses do Capital, nem do centralismo totalitário. Se, como cidadãos brasileiros, desejarmos a democracia, não podemos, em nenhuma hipótese, concordar com a tecnoburocracia militar, como forma institucionalizada do Poder. Isto é, integralmente, a verdade. A maneira de por em prática estas idéias é o grande problema político que os democratas brasileiros enfrentam hoje. Têm de agir democraticamente, numa situação histórica, profundamente, antidemocrática, para que a sociedade brasileira possa se transformar numa democracia. Têm de ouvir a Banda do Protesto mas sem confundir-la com uma sinfônica pois o protesto, pelo menos politicamente, tem sido ruído, no Brasil.

É verdade que a burguesia, pelo menos em tese, esgotou, historicamente, as suas condições de classe realizadora da democracia. Isto não é igual, contudo, a que a democracia seja, por natureza, anti-burguesa. Tanto porque o nosso processo histórico burguês, ainda, não se completou, como também, porque não acredito, nem quero, a semelhança de certo crítico, um socialismo no qual Gustavo Corção seja impedido de dizer suas asneiras e de ser ouvido. Defender a democracia é defender, inclusive, os direitos da minoria, não obstante ser ela um forma de governo, essencialmente, baseada na maioria. E, defender a democracia no Brasil de hoje, não é apenas se pretender eleições livres e diretas. Se os sindicatos continuarem a ser gentis, os partidos sem corresponderem as correntes de opinião pública e a prática política restrita ao cochicho, tudo continuará charme de elite...

A política tem de ser das ruas, mesmo com o risco da demagogia. Os partidos têm de se substanciar nas correntes de opinião pública, mesmo com o risco do populismo. Os sindicatos tem de ser livres, mesmo com o risco das paradas econômicas. Sem isto, não haverá qualquer possibilidade de que a democracia, no Brasil, se torne uma forma de governo com base na prática diária do brasileiro.

Aos meus olhos, é muito estranho a união de sequitários e aderentes da esquerda e da direita — inimigos de sessenta e quatro e de sessenta e oito — nos brados e protesto pelo retorno democrático. A conveniência do ouro e a voz do patrão são grandes argumentos, eu sei, mas mesmo assim... Ao contrário de tais orações, ladainhas e protestos, prefiro a discreção da consciência exata e da ação oportuna. Filio-me a tese da Constituinte, mas com partidos livres e sindicatos também. E, prefiro a prudência à imperícia históricas.

No mínimo, ela — a prudência histórica — evitará que eu esteja incluído entre os que, brasileiroamente, mudarão de casaca quando a direita, mais uma vez, bater com o pé, reduzindo os sonhos esquerdistas da burguesia brasileira ao que eles, realmente, são: inquietações de burgueses incomodados

A HISTÓRIA DO DINHEIRO

Desde a antiguidade que o dinheiro — inicialmente, por falta de moedas divisonárias, trocava-se produto por produto de valor correspondente, a juízo dos mercadores — tem se constituído na principal razão de ser da luta e das conquistas diárias dos povos.

Para muitos, o dinheiro é um fim em si mesmo, pelo o que a sua consecução significa a glória, a realização máxima; enquanto para outros, representa apenas um meio, pois objetivos maiores existem além dele, do «vil metal», como se diz comumente.

O dinheiro — em moeda e células — tem a sua história no tempo e no espaço. Serve inclusive de elemento identificador de épocas, povos, fatos históricos, etc. Sabendo dessas virtudes, a Universidade Federal de Pernambuco adquiriu uma rara coleção de moedas antigas (foi doação do Prof. Abar Soriano) e, neste momento, há uma comissão composta pelos Professores Guilherme Salazar, Gabriela Martin e Leda Alves, sob a coordenação do Prof. Armando Souto Maior, classificando essa coleção.

Nos primórdios da humanidade, o homem morava em cavernas e vivia da caça e da pesca e isso lhe bastava para a sua manutenção.

Com o passar dos anos o homem verificou que podia domesticar certos animais, o que era de grande valor para a sua sobrevivência, mas para isso teve que abandonar as cavernas e os lugares altos, onde estava ao abrigo dos grandes animais ferozes e procurar os vales e as planícies onde pudesse criar os seus rebanhos, com água abundante e boas pastagens. Reuniu-se em grupos para melhor defender os seus rebanhos, surgindo daí, as primeiras sociedades humanas.

Os animais domesticados lhe serviam de transporte, suas peles de vestimentas e fabricação de tendas, tinham carne e leite em abundância. Mas quando o homem diversificou os seus meios de produção e de consumo, deparou-se com sérios problemas: começou a verificar que precisava de algo que pudesse lhe facilitar a obtenção daquilo que queria ou de que tinha necessidade.

O simples sistema de troca de produtos já não era suficiente, pois muitas vezes não conseguia adquirir o que cobijava ou não lhe interessava o que os outros lhe ofereciam em troca.

MEIO DE TROCA

Procurou então o homem, um objeto ou uma coisa, que pudesse interessar a todos e descobriu que um dos meios de troca favorito era o gado. Principalmente sendo pastores, o gado era na verdade o seu elemento principal, depois era um dinheiro que não ficava parado entre um negócio e outro, puxava o

arado, servia para carga, dava o leite, etc. E como em latim gado é **pecus**, surgiu daí a palavra **pecunia**, sinônimo de dinheiro.

A bíblia nos conta um fato bem interessante quando nos fala da separação de Abraão e Lot. Os seus rebanhos cresceram tanto, que as pastagens já não davam e a água era pouca, havendo desavenças por isso entre pastores. Abraão falou então a Lot, dizendo: «Somos irmãos e não é justo que haja desavença entre nós. A terra já não nos cabe, se você escolher partir para a esquerda, eu irei para a direita; e se escolher partir para a direita, eu seguirei para a esquerda». E assim partiu Lot para a região do Jordão, indo morar perto das cidades de Sodoma e Gomorra e Abraão foi habitar nas terras de Canaã.

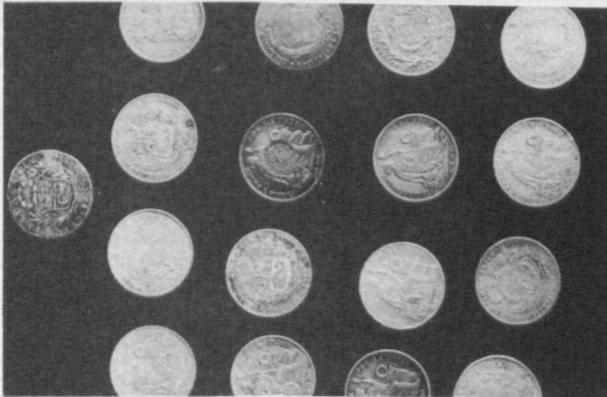
Com a separação desses grupos para regiões distantes, transportar o dinheiro em forma de gado tornou-se impraticável. Muito variadas foram então as substâncias e objetos usados como dinheiro: peles, conchas, seixos, chá, sal, fumo, peixes, marfim, chumbo, cobre, prata, ouro e cativos.

Na antiga Roma, os soldados eram pagos com sal, por isso o ganho era chamado «salarium», de onde se originou a palavra salário.

Como os metais eram os preferidos para as trocas, começaram a usá-los, mas para o seu uso, o metal precisava ser sempre pesado antes de cada transação.

REVELAÇÃO BÍBLICA

É a Bíblia, através do Velho Testamento, que nos transmite talvez a mais velha transação comercial registrada pelo homem. Tendo morrido Sára, Abraão se dirige a Efrom e lhe



pede que lhe venda um local para uma sepultura. «A terra que tu pedes, vale 400 ciclos de prata, este é o preço entre mim e ti». — disse Efrom. Tendo ouvido isto, Abraão passou na presença dos filhos de Het, os quatrocentos ciclos de prata, deu-o a Efrom e recebeu em troca uma caverna, onde sepultou a sua esposa.

Com o uso de metais, o emprego das barras metálicas foi o passo seguinte e para facilitar as transações, as barras passaram a ter peso uniforme, com identificações, através de caracteres gravados. Desta maneira surgiu, simultaneamente, em várias par-

tes do mundo os moldes dos metais para as trocas, primeiro quadrados, posteriormente ovais e por fim redondos.

UM PEQUENO PAIS DA ASIA

Parece ter sido a Lídia, um pequeno país da Ásia Menor (atual Turquia), o primeiro a cunhar moedas, cujo rei Cresos ficou conhecido pelas suas moedas de ouro, tendo de um lado a figura de uma vaca (a moeda chamava-se Electrum). Desta região, o uso de moedas de metal como dinheiro difundiu-se para a Grécia, Roma, Pérsia e Índia.

A invenção da moeda é tema

divergente entre os autores. A etimologia da palavra portuguesa moeda e de suas correspondentes: **monnai**, no francês, **money**, no inglês, **münze**, no alemão, **moneta**, no italiano e **moneda** no espanhol tem origem comum no latim, **moneta**. Esse vocábulo latino era um dos apelidos ou o qualificativo de JUNO, conhecido por Juno Moneta ou Juno Admoestadora, de **monere**, advertir, prevenir.

A palavra **moneta**, empregada para significar moeda, por Plínio, o Moço e por Virgílio, teve sua origem, segundo parece, na época da instalação da primeira casa de moeda pelos romanos, no templo da deusa Juno, ao lado do Capitólio.

ARTE NAS MOEDAS

As primeiras moedas eram naturalmente mal feitas, tanto na forma como nas figuras representativas. Os mais belos exemplares de moedas conhecidas na Antiguidade foram cunhadas a partir do século IV antes de Cristo, pelos gregos. A característica marcante era o acentuado relevo dos desenhos, verdadeiras obras de arte. Tinham essas moedas em uma das faces a figura de uma divindade e na outra, em relevo, imagens de flores, obras arquitetônicas, instrumentos e animais.

UM PEQUENO PAIS DA ASIA

A primeira moeda de prata de valor e peso definido surgiu na ilha grega de Egina, por volta do século VII antes de Cristo. Foi Alexandre, o Grande, da Macedônia, no ano 330 a.C., o primeiro homem a ter a sua efígie gravada em moeda. As AES GRAVE (moeda de cobre, grande e pesada, aproximadamente 1.500 gr, de forma circular) foram as primeiras moedas romanas conhecidas. Posteriormente, em substituição, apareceu AES RUDE, moeda de peso menor.

A unidade monetária de Roma foi o DENARIUS, que originou a palavra dinheiro. O Denarius era assim chamado por representar 10 AES. A segunda unidade monetária em importância era a VICTORIA, de prata, com a metade do peso do Denarius, cunhada exclusivamente para transações com outros povos. Os primeiros Denarius tinham em uma das faces a figura da Deusa Roma e na outra, a figura dos gênios Castor e Polux, encimados por uma estrela.

As peças de bronze eram cunhadas pelo Senado com a legenda S.C. (Senado Consulto), com o nome de SESTERTIUS e com o valor de 1/4 de DENARIUS e AES (cobre) com valor de 1/10 de DENARIUS. As moedas de ouro (AUREUS) e as de prata (DENARIUS) eram cunhadas sobre a responsabilidade do Imperador.

Podemos dizer que a moeda é uma mercadoria intermediária nas trocas. Que é um instrumento de troca que, servindo ao mesmo tempo de medida para o valor dos objetos trocados, é por si mesmo um equivalente. A moeda apresenta duas faces: uma chamada Verso ou Anverso e a outra Reverso. O Verso ou Anverso, geralmente mostra a figura do governante, as armas do governo, o emissor, etc. O Reverso apresenta, em geral, o valor e a data de emissão. O campo é a área central de cada face da moeda, onde se representa o desenho.

Exêrgo — é a parte inferior do campo, onde geralmente se assinala a data. Orla — é a margem das faces, em geral mais elevada, para proteger o desenho do desgaste motivado pelo uso. Junto a Orla, envolvendo o campo, encontram-se a legenda ou inscrição. Bordo — é o contorno da moeda. Primitiva-

mente era lisa, depois passou a ser serrilhada para evitar o cerceio (roubo). A serrilha surgiu no reinado de D. Pedro II de Portugal e foi inventada em 1686, por Manuel Rodrigues da Silva, segundo L. Ferraro Vaz (moedas portuguesas).

TIPOS DE SERRILHA

Existem inúmeros tipos de serrilha — ranhuras verticais, cordão com anéis, jiletas de ranhura vertical, — cordão ou encordeado, colar de tulipas, retângulos, com inscrição em baixo relevo, como é o caso da moeda de um Cruzeiro, do Sesquicentário da Independência, com inscrições em alto relevo. Letra Monetária e a marca indicativa da casa da moeda, onde foi feita a cunhagem. Nas

moedas do Brasil encontramos a letra R, indicativa da casa da moeda do Rio de Janeiro; B, da casa da Bahia; P, da de Pernambuco (1700 a 1702); S.P, casa de São Paulo; M, Minas; G, Goiás; C, Cuiabá, etc.

Não possuindo o Brasil prata bastante para cunhar as suas moedas, comprava os pesos espanhóis (8 reales) e cunhava em cima dos mesmos, os nossos reis, ficando visível em muitos deles, restos do desenho primitivo.

As moedas constituem importantes monumentos históricos, tomando o nome monumento, com a significação de qualquer objeto, que seja o resultado da arte, da inteligência ou da indústria dos povos. Basta considerar as moedas romanas e gregas, que permitem reconstituir uma parte apreciável da história de Roma e da Grécia Antiga, através das legendas das figuras dos seus governantes, dos seus etelios e dos seus domínios.

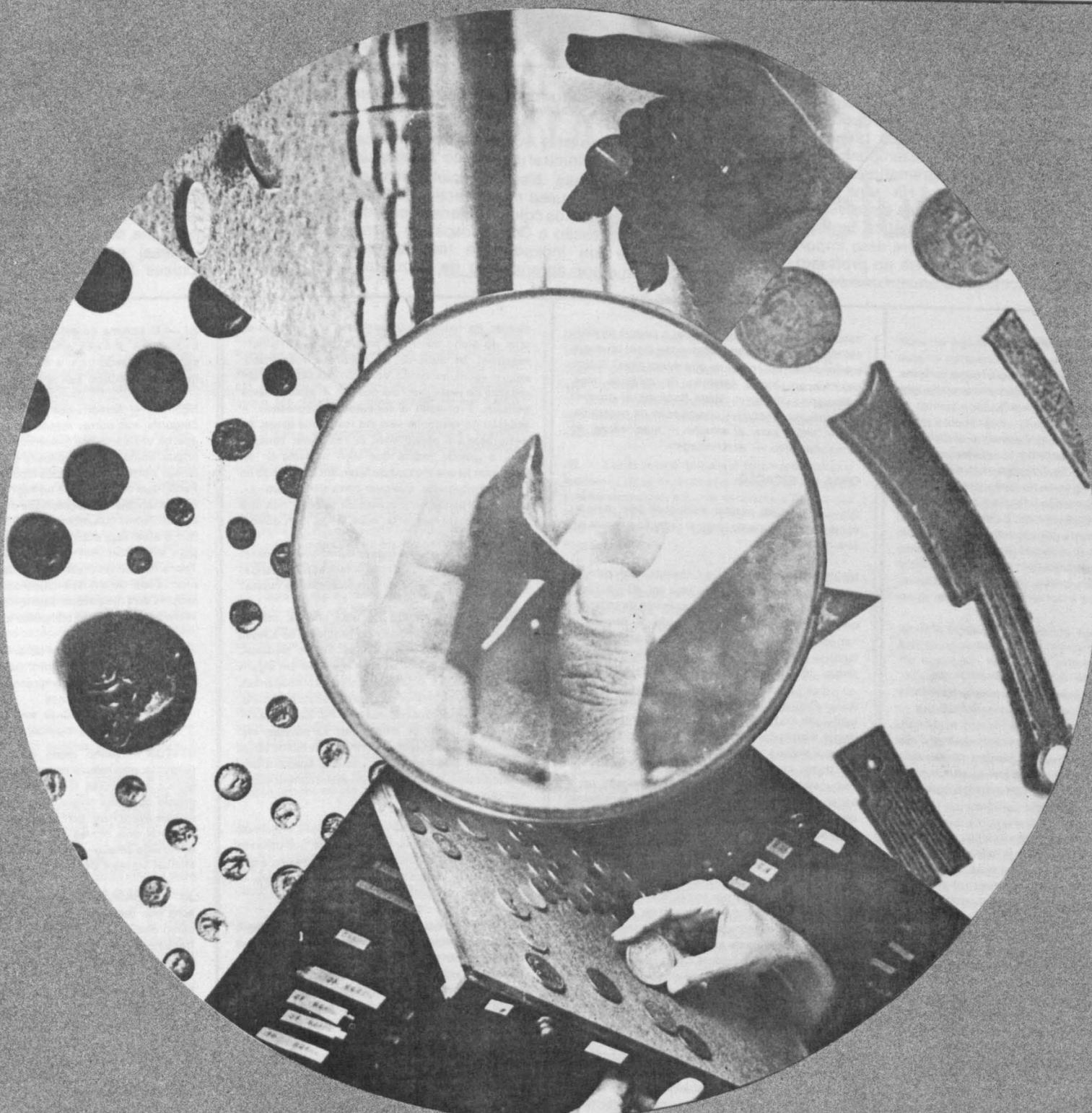
IMPORTANCIA ARTISTICA

A moeda metálica evoluiu desde os blocos de Bronze, que constituem o AES RUDE romano, até os belíssimos cunhos das moedas gregas na fase de maior esplendor da arte monetária, desde ainda as grosseiras peças dos reis piedosos da Idade Média até as belíssimas espécies dos medalhistas da Renascença.

Para a História do Brasil, a numismática é importante fonte de documentação, mostrando o seu estudo, a circulação das moedas portuguesas nos primeiros tempos da Colônia; a fundação da Primeira Casa da Moeda do Brasil, na Bahia, os Florius de Ouro do Brasil Holandês, as moedas do Reino Unido, as barras de ouro fundidas em Sabará, Serro-Frio, Vila Rica, Rio das Mortes, Mato Grosso, Cuiabá, tudo isso devido a proibição de circular como moeda (dinheiro) o ouro em pó, os pepitos, obrigando-se a sua en-

trega as casas de fundição para a cobrança do quinto. As moedas do Brasil do 1º e 2º reinado e finalmente da República são verdadeira monografia de nossa vida política.

Ciente da importância do estudo da Numismática para as pesquisas históricas e demais ramos da Ciência, foi que o Magnífico Reitor Prof. Paulo Frederico do Rego Maciel, nomeou uma comissão para estudar e classificar as moedas existentes na Universidade Federal de Pernambuco, esperando que com a fundação do Museu, faça parte do acervo artístico e cultural da nossa Universidade dados sobre o histórico das moedas e venha servir de fonte de pesquisa e estudo para todos essas valiosas informações.



A COMISSÃO

A Comissão formada pelos professores Guilherme Salazar,

Gabriela Martin e Le-da Alves, Diretora da Divisão de Desenvolvimento Cultural do Departamento de Extensão Cultural, sob a coordenação do

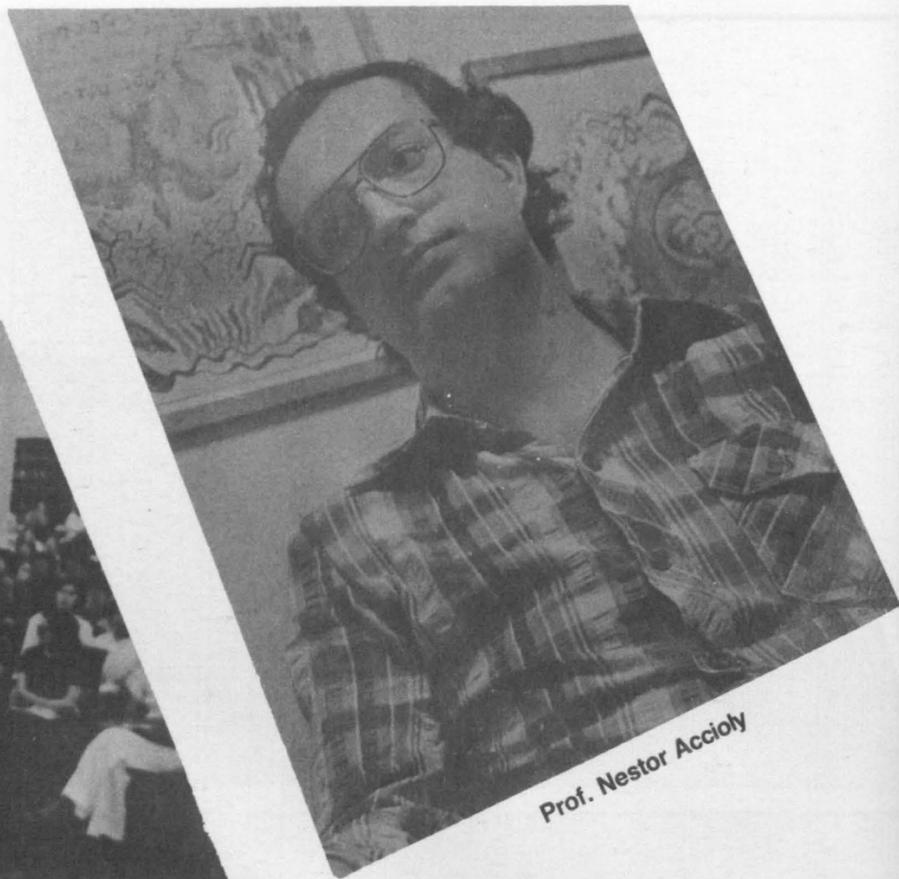
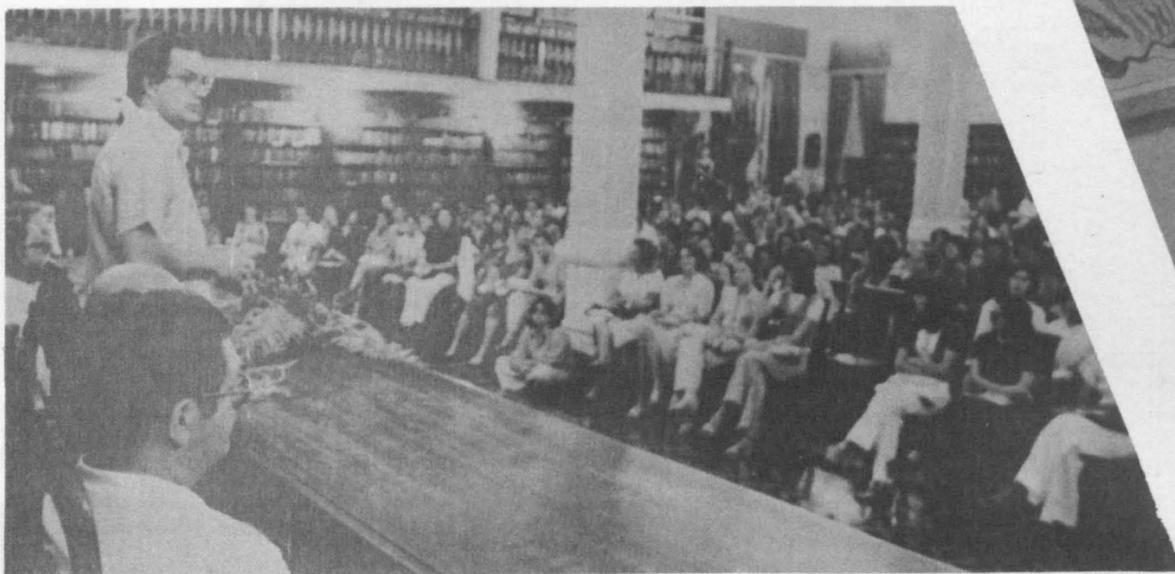
Prof. Armando Souto Maior, vem classificando a coleção doada a esta Universidade pelo Prof. Abgar Soriano. Contou, no primeiro semestre de

1976, com a valiosa ajuda de um especialista português, Prof. Fernando de Almeida, ex-diretor do Museu Etnológico Nacional de Lisboa e ex-

diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente, está sendo preparada uma exposição das moedas mais valio-

sas da Coleção e que será realizada em comemoração ao 2º aniversário do Reitorado do Prof. Paulo Frederico do Rego Maciel.

Português continua sendo pesadelo para a maioria no Brasil



Prof. Nestor Accioly

Falar e escrever em Língua Portuguesa tem sido uma espécie de pesadelo para muita gente, ou melhor, para a maioria da população brasileira. Obviamente, se se exige um bom desempenho sem violações à ortografia, às regras gramaticais, isto é: falar e escrever corretamente. Há uma certa dificuldade por parte dos estudantes em assimilar as regras que orientam a nossa gramática, tanto na morfologia, sintaxe e fonética. Sobre esse importante assunto convocamos a palavra do professor Nestor de Medeiros Accioly, 26 anos, considerado

uma das maiores autoridades no assunto, em Pernambuco.

Sempre convidado pela Academia Pernambucana de Letras para ministrar cursos de atualização em Língua Portuguesa, Nestor Accioly além de ensinar Língua Portuguesa na Universidade Católica de Pernambuco e nos colégios Marista (coordena a área de Expressão e Comunicação) e Torres (vice-diretor), é um inovador de técnicas que facilitam um melhor aprendizado da língua por

parte dos seus alunos, que são unânimes em destacar sua versatilidade ao lidar com as regras que determinam como falar e escrever corretamente nosso Português, mérito justificável para quem já participou de cursos, como o de Integração do Menos Válido. Na escola, em Madri, onde também coordenou o Curso de Educação Moderna; ministrou também os cursos de: Especialização de Literatura Latino-Americana, de Treinamento na SUDENE (Língua Portuguesa) e, atualmente orienta um Curso de Técnicas Redacionais, na Academia.

ESTUDAR É, TAMBÉM, DIVERTIR-SE

JU — O ensino da Língua Portuguesa nos colégios e Universidades está sendo devidamente elaborado para atingir seus reais objetivos?

NESTOR — Falta-me o conhecimento global para fazer, como tão descuidadamente, uma afirmação ou negação do perguntado. Os colégios que eu conheço não são os colégios da pergunta, assim como as universidades. A extensão dificulta a compreensão, mas antes de receber uma outra pergunta, respondendo-lhe que, realmente, não há um programa geral, mas, particulares (o que não é mau) e, até onde enxergo, vejo que objetivos são alcançados em uns e não alcançados em outros, constatando ainda: ausência de objetivos e também de programas.

JU — Acha que o ensino de Português deveria merecer melhor tratamento, até mesmo no âmbito universitário? Inclusive deveria ser ministrado em todas as séries, de vez que nenhum profissional, qualquer que seja a sua profissão, pode prescindir de conhecimentos básicos da língua nacional?

NESTOR — Eis uma pergunta semi-resposta. Se modificarmos, na pergunta, a terceira pessoa pela primeira, o meu pensamento estaria, quase, completo, bastando, para isso, provocar a mudança do «até mesmo» para principalmente.

JU — Seu método de ensinar a língua através de regras ou versos musicados que acentuam desde a aplicação do plural dos compostos ao emprego da crase, seria uma saída para incentivar um interesse maior dos estudantes quanto ao Português?

NESTOR — A intenção é essa. Estudar é, também, divertir-se. É preciso fugir da rotina. As regras são as mesmas, a maneira de encará-las é que vai provocar uma motivação para elas ou para o que elas simbolizam (que é o mais importante). Por outro lado, as músicas, a televisão, as conversas, a própria sala de aulas dão-nos bastantes materiais para uma abordagem nova. É preciso encontrar a real necessidade do aluno; mostrar que o que eles acham «legal», «bacana» e um «barato», às vezes apresenta imperfeições no aspecto do dizer-se melhor. Encontrando-se o erro, descobre-se a causa. A evolução é do simples para o complexo. Primeiro, mostra-se o problema, depois, o caminho para a solução. Em outras palavras: É necessário motivar e, por isso, tenho ensinado, usando coisas simples e motivantes.

JU — Para o bom aprendizado do Português, quais os caminhos que devem ser percorridos?

NESTOR — Preciso colocar-me, também, como aluno e, por falar nisso, é assim que nós, os professores, devemos pensar e agir. Aqui, os caminhos são paralelos. Preciso de uma razão para

estudar ou ensinar, preciso saber o porquê de estar estudando ou ensinando. Apreendo a mensagem que me foi dada? Sou claro no que quero dizer? Assim, seguiria um longo caminho de palavras, mas, procurando uma objetividade, daremos um possível caminho: motivação — constatação da necessidade — busca para a solução — modificação do comportamento — aprendizagem.

CRISE DE VOCAÇÃO

JU — É possível ensinar Português sem oferecer condições ao aluno de praticar redação e leitura em sala de aula?

NESTOR — Possível é, ou melhor, tem sido. O resultado? Já sabemos. Mais uma vez, afirmo: não é se exigindo leituras de livros ou feitos de redações que o problema será solucionado. É necessário motivação. Sem um objetivo claro e definido, não teremos resultados proveitosos, aqui não temos uma teoria, tenho constatado em vivências práticas.

JU — Para um professor iniciar todo dia suas aulas, lendo um conto de autores consagrados literariamente, e provocar debates acerca das obras apresentadas, é notória a necessidade de um certo preparo. De duas, uma: ou o programa dos cursos de Português não está sendo bem preparado, ou a escassez de profissionais capazes é a causa principal do desinteresse por parte dos estudantes. Sua opinião.

NESTOR — Aceito as duas. Os programas, normalmente, visam a uma realidade teórica. São bonitos no papel. Por outro lado, poucos se dedicam ao magistério. Estamos dentro de uma crise de vocação, mesmo assim, o mercado está cheio (em quantidade, é claro). Um estudante que não quer «trabalhar» vai ser professor; um excelente aluno «deverá» ser um bom professor, uma vez que tem conhecimento do assunto (isso basta?). Professor que fala sem ser entendido é sumidade; aula monótona e para provocar interesse do aluno. Bibliografia só é boa quando apresenta todos os livros esgotados, raros e, se possível, em um idioma que o aluno não conheça. Há problemas de todos os lados. Se leio bons autores e provoço a turma para debates, uso, apenas, um recurso de motivação, o que chamo de «Técnica de Apresentação». Tem provocado bons resultados, pois no final de um curso, os alunos foram apresentados a muitos autores e serão capazes de analisar, pelo menos, alguma coisa de um todo estético.

JU — Qual a sua opinião sobre a retirada da redação, agora voltando depois do lamentável hiato?

NESTOR — A redação é uma necessidade. Só discordo de sua pergunta, quando, na realidade concordo. Redação nunca saiu de uma boa programação para o ensino e estudo da língua pátria. É

através da redação que sentimos o manifestar-se total do aluno dentro da língua, portanto ratifico: essencial. Se discordei do hiato que você frisou, volto e, agora, concordo. Você não está pensando em redação no vestibular? Sei que sim. E, assim, muitos pensam. E aí volto a concordar, discordando. A redação no vestibular veio em muito boa época. Se demorasse um pouco mais, aí, realmente, acredito que, a grande massa que visa, unicamente, ao vestibular ficaria incapaz de fazer, em se tratando de Língua Portuguesa, qualquer coisa além de um «x». Vou discordando do processo de seleção, mas isso fica para outra conversa, mais longa, sem dúvida.

JU — Como se explica essa enxurrada de termos em inglês na nossa língua, dando ênfase às propagandas comerciais nos meios de comunicação de massa?

NESTOR — Há, dentro de uma análise, mesmo superficial, para o estudo do problema de Língua Portuguesa, muita coisa errada. Faltam revisores, pois não acredito que existam revisores em alguns jornais, revistas e, essencialmente, nas propagandas, que ajudam, ou melhor vendem o produto e, com ele, propagam imperdoáveis deslizes estruturais da língua. Sem contar as entrevistas, as novelas, etc. Quanto ao uso dos termos em inglês, atribuiria várias razões que exigiriam muitas palavras, apenas citarei o «modismo», a «incorporação» assim como a «substituição cômoda».

JU — E a tendência de reduzir as frases, engolindo as palavras mas permanecendo a idéia, que cada vez mais acentua a linguagem do povo brasileiro, a que se deve? (Ex. Vamos embora — vamos s'imbora — vumbora — umbora — bora...)

NESTOR — Já escrevi um artigo sobre esse tema. É um caso especial de simplificação. Sabemos que a fala se processa diante de um sistema evolutivo: Fonemas — sílabas — palavras, etc. No caso, temos uma possível volta às origens, uma vez que da estrutura: «vamos em boa hora», mais tarde, talvez, se diga «ra» e, depois, um gesto substituirá toda a estrutura. Será que não vale a pena falar?

INOVAR, SÓ SE PARA SIMPLIFICAR

JU — O que significa estar diante de alunos, numa sala de aula, todos os dias, para você?

NESTOR — Dar aulas é enfrentar desafios. Infelizmente não somos o que deveríamos ser. Renovo-me na sala de aula. Aprendo muito com os que aprendem comigo. Doso as aulas e aproveito os momentos propícios para dar um certo tipo de mensagem. Se os alunos estão dispersos, procuro outro método. É um mundo especial e particular a sala de aulas. Sinto-me bem com o que faço, mas não estou somente todos os dias diante de alunos, também estou todo o dia.

JU — O sistema de enfatizar a gramática, com as tradicionais análises sintáticas, etc. parece estar sepultado, dando lugar a métodos mais modernos, menos enfadonhos. Sua opinião?

NESTOR — Acredito que tenha respondido a essa pergunta, nas outras respostas. Acho, no entanto, que há ensinamentos modernos, para o estudo da língua, muito mais complicado que o método tradicional, portanto há métodos modernos inacessíveis. Penso que não devemos nomear coisas fáceis com nomes difíceis. Há necessidade de clareza e participação. Temos que acompanhar o tempo e fazer com que o atual seja objetivo e motivante. Inovar, só se para simplificar. Por contradição, encontramos na Teoria da Comunicação elementos, realmente, incommunicáveis. Se o nosso meio é complexo, o suporte simples será mais aceito, assim, o ser simples desenvolve-se no ambiente complexo (e desenvolveu-se).

JU — Cite o (a) professor (a) que mais marcou sua aprendizagem de Português, pelo seu estilo, sua forma de ensinar, de compreender, de saber lidar com a amizade dos alunos.

NESTOR — Tenho medo de responder a essa pergunta, pois temo a memória e receio ser ingrato. Muitos professores fortaleceram o meu gosto pelo estudo da nossa língua. Não poderei citar nomes, mas se assim fizer, também serei ingrato. Vêm-me à memória dois nomes que, com orgulho, digo que tenho algo deles ou que, se não tanto, gostaria de ter: Manuel Torres e Gaudêncio Lopes.

JU — Especificamente sobre o curso de Jornalismo, acha que deveria ser mais enfatizado o Português como disciplina, já que a língua é o instrumento de trabalho do jornalista? Deveria então ser disciplina constante em todas as séries do curso?

NESTOR — A língua é um elemento de cultura de um povo. Tenho sido convidado para corrigir teses de mestrado e já houve oportunidade em que tivemos que fazer uma nova redação. Um engenheiro precisará fazer um relatório dos serviços executados em uma obra; o médico necessitará descrever uma operação; o advogado redigirá uma petição, enfim, todos precisarão dizer algo. A língua é o instrumento de trabalho dos que podem falar. Não são os jornalistas, também os jornalistas deveriam estudar com afinco a língua e colocar de lado os modelos pré-fabricados. O estudo da língua pátria deveria ser constante, não só na universidade, mas, também nela.

JU — Quais as qualidades essenciais para um professor de Língua Portuguesa?

NESTOR — Domínio no que diz. Segurança no que faz. Abertura para o que ouve. Vivência do que ensina.

CADERNO LITERÁRIO

JORNAL UNIVERSITÁRIO

RECIFE — OUT. NOV. 1977



ALBERTO CUNHA MELO

Valor Poético como Categoria do Absoluto

poetas que, em diferentes orientações estéticas, fazem lembrar, em seu magistério artístico, a segurança dos antigos mestres de ofício que dirigiam os oficiais mais jovens nas antigas corporações medievais.

Poetas dos maiores, não só de sua própria geração, Alberto Cunha Melo é seguramente uma das cabeças poéticas mais originais que despontaram no Brasil em qualquer época. E usamos a palavra **cabeça** para salientar o caráter de sua poesia que, sem ser cerebralista, representa, entretanto, o domínio da inteligência sobre a sensibilidade, bem como da palavra (ou Verbo) sobre o discurso.

Na estranha alquimia dos seus poemas podemos ver como uma das linhas mestras da poesia brasileira encontrou nele, como intérprete e continuador, uma voz própria e inconfundível, em que ao recorte seco e contundente da forma se associou uma especial flama dramática que transformou as diversas denominações culturais e sociológicas em matéria-prima de criação poética.

Alberto Cunha Melo, que é formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, ocupa atualmente o cargo de sociólogo no Departamento de Sociologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Depois da fase dos octossílabos, o poeta tem pronto um livro de poesia, e, quando for publicado, se tornará para seu grande número de leitores, num dos momentos definitivos de sua própria trajetória poética.

JU — Você ainda acredita que a poesia é uma questão de vocação ou algo que engenheiros, publicitários, médicos, jornalistas ou os mais diversos profissionais escolhem como uma forma de hobby para matar o tempo?

ACM — Considero toda arte uma tentativa de completar o homem e, nestes tempos de tantos estímulos para a fragmentação da natureza humana, a arte seria também uma tentativa de reunir seus pedaços dispersos, dar-lhes a energia total de uma unidade orientada para um destino maior. A poesia é um dos muitos modos de utilização da palavra, mas talvez o que tivesse alcançado com maior êxito o máximo de expressividade e «transcendência histórica» de que a palavra é capaz. O valor poético é uma categoria do Absoluto, mas o máximo expressivo é determinado socialmente, e, portanto, uma categoria relativa. Não acredito que uma coisa tão importante como a poesia possa ser realizada como um passatempo irresponsável. Para mim ela tem sido arma, oxigênio, sonho, trabalho.

JU — Você acha que se possa escrever poesia, desconhecendo suas técnicas, seus segredos, como se fosse algo que não exigisse trabalho algum?

ACM — Na resposta anterior, considero a poesia **trabalho**, e é, mas claro que isso implica em aprendizado, disciplina e esforço. A poesia erudita (creio que é sobre essa que você está falando) exige um aprendizado mais longo porque atua sobre um universo de tendências mais complexo, porque compete, a nível formal, com uma produção maior e mais diversificada. Qualquer contribuição de certa importância depende sempre do nível de informação do poeta, do seu conhecimento técnico. É difícil acrescentar alguma coisa nova ao mundo quando não se sabe o que já foi feito. No entanto, aliado a necessidade de aprendizado técnico, o interesse pela realidade imediata é fundamental, se o artista quiser ser um representante do seu tempo. Tudo o que objeto da poesia: a Química e a boemia de Ipanema, a Sociologia e o caos. Acredito que a combinação das predisposições genéticas com o meio social produz isso a que chamam vocação. É uma alquimia difícil de definir.

JU — Em que sentido uma poesia será participante? O participante é abrangido exclusivamente o político? E o político só encontraria uma aceitação partidária?

ACM — Toda arte é política, na medida em que ideologicamente é uma escolha entre valores alternativos e na medida em que é fruto da convivência humana. O ato de fazer poesia pode ser gratuito em relação a interesses imediatos, mas as suas consequências, ou os seus objetivos latentes é o poder político ou o poder poético. É na maneira de exercer a Praxis poética, é na medida em que o poeta assume os riscos de seu tempo, que se torna participante direto da luta pelo poder político. Contudo, tanto o medo como a coragem já produziram bons poemas. Ser de partido político é apenas uma das formas de assumir os riscos ou de explicitar-se diante dos

homens. A adesão partidária é apenas mais uma fonte de experiência, que pode ou não ser útil ao poeta, dependendo de sua natureza. Eu, por exemplo, gosto de ser claro e explícito e admiro os poetas que o são. Gosto de comprometer-me até a alma.

JU — Em que medida se pode conciliar, segundo você, o plano intelectual e o plano emocional na elaboração da poesia?

ACM — Uma ideia que não desperte emoção dificilmente germinará. Isso já o sabiam Cristo e Comte. É em plena agonia que tenho escrito meus textos ao longo dos tempos. Nunca esperei um tempo calmo e tranquilo para escrever. Para mim a poesia não é «emoção recolhida em tranquilidade», como o queria um poeta inglês ou norte-americano, não sei. Mas acredito que a arte tenha um maior compromisso com o emotivo do que com o racional. Tudo parece ser, às vezes, uma questão de escala. Por outro lado, um maior ou menor apelo ao sensorial é o que, para mim, tem caracterizado a polaridade das tendências poéticas no curso da história. Sobre esse ponto eu tenho uma hipótese: quando as ideias começam a tornar-se perigosas, em sistemas políticos de força, por exemplo, as vanguardas «sensoriais», apelando enfaticamente para os ouvidos e os olhos, parecem florescer com mais energia. E florescem também, nesses tempos de medo, as metáforas.

JU — Como você vê estes movimentos poéticos de vanguarda que pretendem se reduzir à técnica mesmo sem conhecerem nenhuma espécie de técnica? Existirá uma técnica sem conhecimento técnico, ou uma técnica destituída de técnica?

ACM — Todo vanguardista profissional é fundamentalmente um proselitista. Esses vanguardistas têm uma habilidade incrível para aproveitar a sede de sensacionalismo da imprensa ocidental, uma imprensa dos espaços ociosos, uma imprensa voltada mais para o pitoresco do que para as forças culturais mais profundas e gerais de um povo. A técnica sem conhecimento técnico de que você fala parece ser simplesmente o resultado do espírito imitador dos proselitistas. O horror ao conhecido é, quase sempre, escapismo. Todos querem cavar seu poço sozinho e se esquecem de que, nas profundezas, o lençol de água é um só.

JU — É possível, sem sentir e sem pensar os próprios temas, alguém escrever uma poesia que se aproveite?

ACM — Posso falar com mais precisão sobre o calor abafado do ônibus do meio-dia do que sobre minha insatisfação com a ordem social. No entanto, ao falar sobre esse ônibus, ao descrever esses corpos que não me deixam respirar, estou falando concretamente da minha insatisfação. O problema é injetar na experiência individual e concreta uma espécie de plasma universal. E isso só se consegue quando o espírito está aberto ao bem e ao mal, aos deuses do Olimpo e aos pobres de espírito. Só é possível

fazer-se boa arte quando o corpo e a alma do artista estão comprometidos com o mundo e aceitam o desafio de definir-se diante dele. Sem comprometimento global com o que fomos, somos e poderemos ser, a arte se inscreve na ordem das coisas dispensáveis, como uma flor tardia nas mãos caídas de um cadáver.

JU — Como você explicaria o fenômeno, bastante moderno, de se multiplicar o número de poetas na mesma proporção em que escasseia a poesia nos livros e na vida? E quando, principalmente, a poesia não é mais objeto das grandes preocupações humanas?

ACM — Do ponto de vista sociológico eu poderia apresentar muitas variáveis explicativas: a explosão demográfica, a expansão do ensino formal, as relativas facilidades editoriais aliadas ao aumento extraordinário da produção de livros, o desenvolvimento da imprensa e o alargamento dos estratos de classe média. No caso, a quantidade esconde a qualidade. Onde encontrar, entre milhares de livros publicados todos os anos, a poesia que procuramos? Não nos esqueçamos, no entanto, que a proliferação dos maus poetas também contribui para a permanência da poesia. Representa, no mínimo, sua confirmação como uma necessidade social. Eu creio que se desaparecerem todos os maus poetas do mundo, aqueles que procuram escrever sobre o mau humor das namoradas, o mundo ficaria mais insípido, e mais hostil à verdadeira poesia. A poesia de um modo geral sempre foi feita por homens de barriga cheia para outros homens de barriga cheia. Nesse sentido, ela nunca foi uma grande preocupação da humanidade, se compararmos sua importância para a sobrevivência humana com a de outras atividades. No mínimo, ela foi uma grande preocupação para alguns estratos dominantes. Embora no primeiro e segundo mundos haja poetas que publicam hoje edições superiores a cem mil exemplares, os homens de barriga cheia ainda não conseguiram a fórmula de escrever boa poesia para os homens de barriga vazia. A fome pede coisas mais simples e menos sofisticadas do que a poesia. Um trator é ainda coisa mais urgente do que um livro de poemas. E isso não é um consolo.

JU — Acha que a comunicação poética poderia ter algo a ver com as demandas do consumo?

ACM — As eficientíssimas técnicas modernas de persuasão de massa têm criado no gosto do povo necessidades incríveis, mas a necessidade de poesia não depende daquelas técnicas quanto um isqueiro descartável. É claro que o instrumental tecnológico existente poderia fazer aumentar as vezes o consumo de qualquer arte, mas a poesia é, de todas as artes, aquela que mais tem teimado em não se tornar mercadoria. A poesia teima em ser uma não-mercadoria. Isso deve ter algum sentido histórico ainda desconhecido, em suas sutilezas, para mim. O processo poético parece ter-se orientado de maneira diferente da própria organização social. Venho observando isso várias vezes, em conversa com

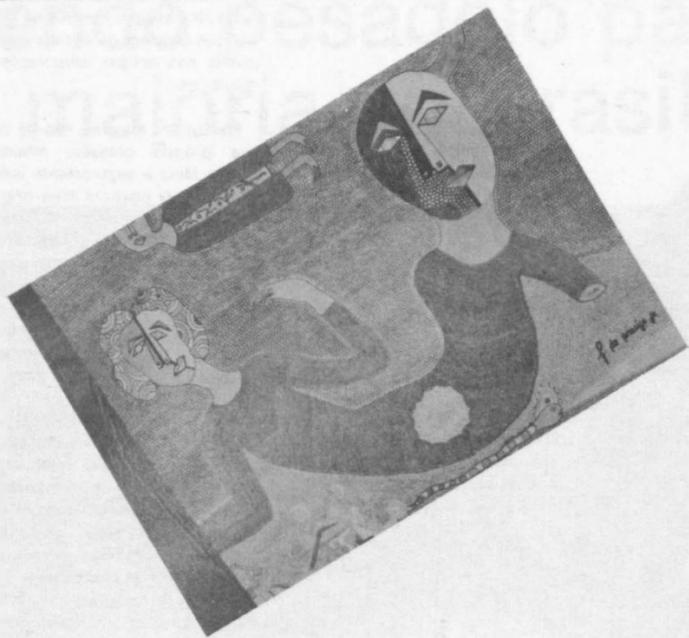
Roberto Aguiar. Enquanto a sociedade urbano-industrial apresenta um alto grau de especialização e racionalização de atividades, a poesia parece ter seguido uma orientação inversa: de uma pluralidade de formas poéticas existentes no mundo ocidental desde a Idade Média, chegou-se praticamente a uma forma só. Hoje parece que poucos poetas gostariam de serem chamados, por exemplo, de poetas didáticos, líricos, dramáticos, etc. Ao que tudo indica, houve uma generalizada recusa a especializar o poema, que hoje quer ser apenas poema, e nada mais. Toda tentativa de classificação fica por conta das arengas acadêmicas que precisam de estímulos para alimentar a ociosidade dos espíritos. Os sucedâneos das éclogas, baladas e odes, onde estão? É talvez a luta da poesia contra a especialização do nosso tempo.

JU — A poesia, a seu ver, é mais expressão ou comunicação?

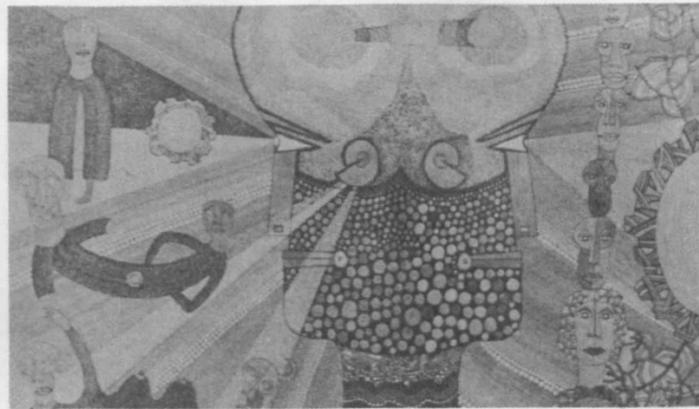
ACM — Que o verdadeiro poeta procura o máximo de expressividade, isto já foi dito. Que ele tem anseios de comunicação, eu acredito que também isso é verdadeiro, simplesmente porque o poeta é um artista e todo artista gosta de se mostrar, de comunicar-se. E justamente aqui, no outro polo da questão, que está o problema. João Cabral já advertiu a respeito da tendência da poesia moderna de dar supremacia ao expressivo sobre o comunicativo. Esse desequilíbrio, essa ênfase no expressivo (que muitas vezes chega às raíais do hermetismo) foi exacerbado talvez no período pós-revolução industrial, onde o poeta foi engajado no processo de produção, de uma forma ou de outra. No reino da mercadoria e poema será sempre uma espécie de prenda doméstica, de trabalho caseiro cujo produto não precisa ir ao mercado. Como se distribui alguns doces aos amigos, em casa, nos fins de semana, assim se distribui a poesia entre os poetas, amigos, parentes e namoradas dos poetas. Se essas criaturas entendem bem ou fingem entender bem o poema, o poeta se dá por satisfeito. Mas, creio que existe um grande público de poesia, ainda não descoberto. Não sei se a sua descoberta modificaria o destino da poesia.

JU — Como você vê o seu problema poético e, no centro dele, como vai se encaminhando o seu processo criador?

ACM — Durante o decurso desta entrevista já fiz algumas alusões sobre a minha maneira de ver a poesia. A resposta anterior e mais uma pista: busco uma conciliação entre o poder expressivo e a necessidade de comunhão e comunicação entre os homens. O meu próximo livro e uma tentativa de noticiar o que vejo e sinto a cada dia, a cada noite, dentro desta cidade horrenda em que se transformou o Recife. Dei-lhe o título rasteiramente urbano de **Noticiário**. Quero testá-lo, e não só entre meus amigos e parentes. Quero testá-lo em outros meios mais impiedosos.



Crepúsculo para a paz, um livro premiado (MG)



Entre numerosas colaborações de poetas e escritores de vários Estados brasileiros e de outros países, que mantêm efetivo intercâmbio cultural com o JORNAL UNIVERSITÁRIO, recebemos ultimamente um exemplar do livro **Crepúsculo para a Paz**, de Geraldo Dias da Cruz, um dos poetas premiados de Uberlândia, Minas Gerais.

Trata-se de mais um lançamento da Editora do Escritor (SP), volume 15 da Coleção do Poeta. Dias da Cruz é jornalista profissional, tendo dirigido o jornal «O Estado de Mato Grosso», de cujo Suplemento Literário foi editor. Notabilizou-se perante a crítica especializada com a obra **Armas do Tempo** (Universidade Federal de Mato Grosso-Cuiabá-1975). É autor de outros livros.

COLHEITA

Do seu livro **Crepúsculo para a Paz**, o poema «colheita»:

A mão na pedra,
que se aproxima,
ante põe-se à espera
do gesto incerto.

Quão mais sedento
maior demora

no olhar atento,
que se aproxima,
divisa-se a fonte
deste desejo

na boca, a água,
de ter agora.

Procura o encanto
do que se oculta,
com mais perfume,
dentro do vale

Tocando a flauta
encontra o fruto

De sol e chuva
cresceu a espiga,
em fastos dias,
para a colheita

Os deuses colhem
de suas messes

De espera e sonhos
cresceu o filho,
em fastos dias,
para o advento.

Recolhe o sangue
do sofrimento.

A máxima «santo de casa não faz milagre», atribuída à sabedoria popular, não é levada a sério pelos baianos. De Ruy Barbosa a Jorge Amado, passando por Glauber Rocha, Caetano Veloso e Gilberto Gil, os filhos da Bahia começam galvanizando a opinião pública dentro de sua própria terra. Quero falar de Jorge Amado. Anualmente cogitado, pelo menos por parte da imprensa brasileira, para o Nobel de Literatura, os últimos best-sellers do escritor estão sendo devida e festivamente transplantados para a televisão e o cinema. Na televisão: Gabriela, via padrão Globo de qualidade, percorreu o Brasil inteiro na voz de Gal Costa e com o físico exuberante de Sonia Braga; no cinema: Bruno Barreto e o excelente Nelson Pereira dos Santos já filmaram dois dentre os maiores sucessos do escritor, **Dona Flor e Seus Dois Maridos** e **Tenda dos Milagres**.

Em fins do ano passado, Amado recebeu em Roma um prêmio literário do Instituto Italo-Latino-Americano: 2 milhões de liras, sendo a

Jorge Amado: um santo de casa fazendo milagre

metade para a tradutora de **Teresa Batista Cansada de Guerra**, além da badalada publicitária que tais prêmios proporcionaram. Para o público que assistia ao espetáculo da premiação, Jorge Amado deixou escapar alguma coisa a respeito de seus projetos e preocupações: «A poluição atmosférica é o tema do meu último livro», confidenciou ele. O livro, **Tietê do Agreste**, narra as façanhas de Antonieta, que fica sozinha no combate à poluição provocada por uma fábrica que se instala no povoado onde mora. E

disse mais: «Queria escrever umas 150 páginas, mas cheguei a 520 e ainda não terminei o livro». Agora, porém, já terminou e o livro está à venda. Mas Jorge Amado está escrevendo ainda um outro romance, **A Guerra dos Santos**, que assegura ser um retrato da sociedade baiana através de várias décadas.

Que povo ?

Mas o que pensa o laureado escritor Jorge Amado a propósito de sua literatura ? Vejamos. Certa vez,



respondendo a observações críticas feitas a esta literatura, o escritor afirmou: «Não entendo de literatura a ponto de criticar esta ou aquela característica que eu mesmo ignoro. Mas me defino, primordialmente, como um escritor apoiado no povo e que vive graças a esse povo».

Foi justamente o que disse Mazzaropi para explicar o que considerava responsável pelo sucesso cinematográfico que lhe permitiu desfrutar de comodidades pouco populares que

incluem uma casa com piscina. Mas o comediante atribuiu sua afinidade com o gosto popular a uma ausência em seus filmes de qualquer coisa que force a mente dos espectadores, já que, segundo Mazzaropi, o povo não gosta de pensar.

Jorge Amado nunca fez semelhante constatação, mesmo porque ele não é tolo. Jorge Amado pode buscar suas histórias (ou estórias) no povo; retirar do que conhece das tradições populares da Bahia os tipos e mesmo as receitas culinárias

com que recheia seus romances. Mas o povo, porém, que é o maior inspirador de Jorge Amado, simplesmente não tem acesso aos romances do escritor. Porque o povo não dispõe de 100 (ou mais) cruzeiros para adquirir uma obra como **Tietê do Agreste** que, depois de pronta, terá 600 (ou mais) páginas. À menos que se considere povo aquela camada social cujos rendimentos mensais vão além do salário mínimo. Mas povo, povo mesmo (pelo menos a massa a que Amado se refere e certamente o influenciou) não é tão privilegiado assim.

Muito ou pouco tempero

A obra de Jorge Amado foi digna das atenções de donos, produtores, diretores de cinema e televisão, antes de chegar aos milhões de espectadores que assistem às adaptações dos seus livros para as telas grandes e pequenas. A esses milhões de espectadores (do povo ?) cabe tão somente consumi-la da forma que for servida, com muito ou pouco tempero baiano.

O OLHAR POÉTICO DE MENINA DE NOVE ANOS

Mariza Domingues da Silva, com apenas nove anos de idade, vê o mundo como um poema. Pelo menos, ela vê as coisas, as pessoas, os animais, toda a natureza, não com os seus olhos inocentes, ingênuos, de criança, mas com outra visão, a visão que muitos adultos gostariam de ter: uma visão poética. A sensibilidade poética não escolhe idade nem posição social. Brota qual botão de rosa, num jardim qualquer.

Ela chegou à redação deste jornal, numa manhã, segurando a mão do seu pai, Professor Mariano Domingues da Silva, do Centro de Tecnologia (Deptº de Geologia) da Universidade Federal de Pernambuco. Mas foi um encontro que não teria a finalidade de apresentar Mariza, e sim de conhecer as novas instalações do DEC. O fato é que estava aí, ao seu lado, tímida mas atenta a tudo e a todos, a menina-poeta. Tímida a ponto de esconder o rostinho, entre os braços do seu pai, toda vez que este falava sobre o seu comportamento poético, nas suas incursões espontâneas por esse campo.

Dias depois trouxe-nos algumas poesias de Mariza. E dentro do plano de incentivar e divulgar os jovens valores, principalmente estudantes de 1º, 2º e 3º graus, selecionamos a que segue:

A natureza pode ser nossa família

Eu fui no horizonte
Entrei na natureza
Cruzei os raios do Sol
Amei o que não era amado
E finalmente pousei numa flor

O horizonte ficou brilhante
A natureza mais agradável
Os raios do Sol de ouro
O amor entrou por todas essas coisas

Eu nasci, cresci e amei com a natureza.
O sol era porém minha carruagem, enfrentava a luta comigo
O horizonte ajudava-me a crescer
A natureza me protegia
E a flor era minha cama

E por isso digo: não devemos maltratar a natureza pois ela pode nos criar e ser nossa família.

CATALOGANDO

BONIFÁCIO ANDRADE

Dimensões do Brasil

É de fundamental importância a continuação e a intensificação das pesquisas científicas que vêm sendo realizadas no Brasil, principalmente daquelas que venham a aprofundar o conhecimento sobre a realidade brasileira e sobre as possibilidades de utilização racional e humanitária de nossos recursos. Por pensar assim é que em números anteriores deste jornal elogiei **Resumos**, publicação da SBPC que reúne as comunicações científicas apresentadas nas reuniões anuais daquela entidade; e elogiei o **Catálogo do Banco de Teses**, publicado conjuntamente pelo Ministério da Educação e Cultura e pelo CNPq. Todavia, para o próprio aprofundamento das novas pesquisas, pelo menos no campo das chamadas ciências sociais, não pode ser ignorada a produção intelectual do passado, mormente quando essa produção intelectual teve repercussões políticas na época em que foi publicada. Por isso é que a coleção **Dimensões do Brasil** (DB), que a Editora Vozes começou a publicar no ano passado, em convênio com o Instituto Nacional do Livro (INL), passará brevemente a ser incluída entre as principais coleções brasileiras, como a Brasileira, da Companhia Editora Nacional, e a Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio.

Ainda nova, com apenas cinco títulos em sete volumes publicados, a **Dimensões do Brasil** já reúne obras indispensáveis para o conhecimento da evolução do pensamento e da própria realidade social brasileira.

O primeiro título, **Um paraíso perdido**, com 327 páginas, é de Euclides da Cunha. É, como o sub-título indica, uma «reunião dos ensaios amazônicos». Esses escritos (artigos e entrevistas a jornais, cartas escritas na época em que Euclides dirigiu a missão ao Alto Purus, etc.) foram selecionados e ordenados por Hildon Rocha, que é o diretor editorial da coleção. O volume contém ainda uma apresentação de Arthur Cezar Ferreira Reis, que é o presidente do conselho consultivo da coleção; uma introdução à coleção, escrita por Hildon Rocha; e ensaios sobre Euclides da Cunha escritos por A. C. Ferreira Reis, Francisco Venâncio Filho e Theodoro Sampaio, além de extratos do discurso com o qual Silvio Romero recebeu o autor de **Os sertões** na Academia Brasileira de Letras.

O segundo volume da coleção é **Crônica do Brasil Colonial**, de João Francisco Lisboa, historiador, jornalista e combativo político maranhense do século passado. Nas suas 631 páginas o volume reúne a ensaio indicado pelo título e um outro, «Apontamentos para a História do Maranhão», além de introduções de Peregrino Júnior e de Graça Aranha.

O terceiro título, em dois volumes, é um clássico da historiografia brasileira, publicado pela primeira vez em 1867: **A escravidão no Brasil**, de Perdigão Malheiro.

Outro clássico e indispensável livro é o título quarto, sobre o qual escrevi em outro local (Diário de Pernambuco, 9.5.1977): **O abolicionismo**, de Joaquim Nabuco. O volume, de 204 páginas, inclui ensaios de Gilberto Freyre, Graça Aranha e Gilberto Amado, sobre o autor.

O quinto título de **Dimensões do Brasil**, em dois volumes, é a **Crônica da Companhia de Jesus**, do famoso jesuíta seiscentista Simão de Vasconcelos. O livro reúne «Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil» e «Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil (...)», publicados pela primeira vez em Lisboa, em 1668 e 1663, respectivamente. A nova edição dessas obras de Simão de Vasconcelos tem introduções de Hildon Rocha, Serafim Leite e J. C. Fernandes Pinheiro.

Outros autores que aparecerão na coleção são indicados por Arthur Cezar Ferreira Reis, na mencionada apresentação: «Nesta Coleção, de Euclides a Rodolfo Garcia, Gilberto Freyre, Cavalcanti Proença, passando por Nabuco, Ruy, Oliveira Lima, Perdigão Malheiro, Edison Carneiro, Nina Rodrigues, José Honório Rodrigues, Silvio Romero, João Francisco Lisboa, Manuel Bonfim, Theodoro Sampaio, Capistrano de Abreu, temos o Brasil nos seus aspectos e peculiaridades regionais, suas gentes, na luta por elaborar a consciência, a base física e o sistema institucional. Teremos o Brasil em corpo inteiro, naquilo que o define, naquilo de que se pode orgulhar, naquilo que significa força viva, impeto, dinâmica» (pg. 19 do primeiro volume). E páginas adiante, comentando a reedição de velhas obras, Hildon Rocha escreve: «Estamos convencidos de que este encontro com as nossas raízes avoagens, que nesta coleção foram buscadas em profundidade e amplitude de vistas, poderá resultar em novo descobrimento — ou redescobrimto — pelas gerações de hoje, dos nossos autênticos valores originais» (p. 33).

Sem defender o apego aos valores do passado, considerando discutíveis expressões como «autênticos valores originais», considero essencial o estudo dos acontecimentos e das idéias do Passado para a compreensão do presente e para a orientação da ação futura, conforme já tenho afirmado nesta coluna. E Parece-me que a defesa da História, no Brasil, hoje, implica também no elogio da coleção **Dimensões do Brasil**.

NOTAS

1 — Já está nas bancas e nas livrarias o número 2 de **Cadernos do Nordeste**, publicado aqui em Recife pela Editora Alternativa. É um número especial sobre Frei Damião. O primeiro número, dedicado a «Nordeste, trustes e cartéis», teve de ser reimpresso, porque a primeira impressão esgotou-se rapidamente em Recife e São Paulo. A mesma editora está lançando um livro com uma coletânea de ensaios em homenagem a Hermilo Borba Filho.

2 — Em tradução de Olga Lopes Cruz, a Francisco Alves publicou, no final do ano passado, **Talcott Parsons e a Sociologia Americana**, de Guy Rocher. Rocher é um sociólogo canadense que foi bastante influenciado por Parsons, conforme indica o seu livro **Sociologia Geral** (Lisboa, Editorial Presença, 1971. 5 v.).

Um surrealista de 19 anos



O desenhista Maciel Belarmino tem agora 19 anos, mas tudo indica que o seu surrealismo começou logo na infância. Admirador de Salvador Dali, Giorgio de Chirico e René Magritte, Maciel promete uma carreira difícil em termos de profundidade. Rapaz bastante inquieto, mostra-se interessado por aspectos mais diversos da cultura humana. Pretende, entretanto, fixar-se no desenho por achar nele maior liberdade.

Dos "Cadernos Subterrâneos"

NOTAS PARA UMA INTERPRETAÇÃO DE MALRAUX

JOSÉ RODRIGUES DE PAIVA

1 — A grande solidão dos personagens de **A Condição Humana**:

Todos os personagens que Malraux criou neste livro sofrem de uma profunda solidão. Tchen, depois de assassinar um homem adormecido, sente mais do que nunca a angústia da sua solidão: **Havia ali milhões de vidas, e todas agora rejeitavam a dele; mas que era essa condenação miserável ao lado da morte que se retirava dele, que parecia correr-lhe fora do corpo, as gotadas, como o sangue do outro?**

May, médica de um dos hospitais chineses, sofre de angústia existencial, tem ânsias de viver até o último fio de vida, por isso, na véspera da insurreição tem relações íntimas com Lenglen, porque também ela poderia morrer no dia seguinte, **ele tinha tanta necessidade...** e em face da morte aquilo contava tão pouco... Mas o seu senso de fidelidade leva-a a contar o ocorrido ao homem que a ama e de quem ela também gosta: Kyo, um chinês de origem japonesa — um mestiço. Kyo sofre de ciúmes e de um complexo de inferioridade motivado pela sua origem que, conforme pensa, leva May a afastar-se dele e a procurar outros homens. **Ele igualmente se via no espelho, apoiado no cotovelo (tão japonês de traços entre os lençóis brancos). «Se eu não fosse mestiço...». Fazia um esforço enorme para afastar os pensamentos odiosos ou baixos, prestes a justificar e alimentarem a cólera. E olhava-a, olhava-a, como se aquele rosto devesse reencontrar, pelo sofrimento que infligia, toda a vida que perdera. (...) Contudo, o ciúme existia, tanto mais perturbante quanto o desejo sexual que ela lhe inspirava repousava na temura. Com os olhos fechados, sempre apoiado no cotovelo, ele tentava (triste ocupação) compreender. Ouvia apenas a respiração oprimida de May, e o raspar das patas do cãozinho. A sua dor provinha em primeiro lugar (haveria, ah! segundos: sentia-os embuscados em si mesmos como os seus camaradas por detrás das portas ainda fechadas) de atribuir ao homem que acabara de ter relações com May (Não consigo, no entanto, chamar-lhe o seu amante) desprezo por ela. Era um dos antigos camaradas de May, mal o conhecia. Mas conhecia a misoginia fundamental de quase todos os homens. «A idéia de que, tendo dormido com ela, porque dormiu com ela, pode pensar dela: 'Aque-la pegazita', dá-me vontade de o espancar.**

Mas a solidão é também o grande sofrimento de Kyo: **Havia em primeiro lugar a solidão, a solidão imutável por trás da multidão mortal, como a grande noite primitiva por detrás daquela noite densa e baixa, sob a qual velava a cidade deserta, cheia de esperança e ódio. (...) Os homens não são meus semelhantes, são quem me olha e me julga; os meus semelhantes são aqueles que me amam e não me olham, que me amam contra tudo, que me amam apesar da decadência, apesar da baixa, apesar da traição, a mim e não ao que eu**

fiz ou farei, que me amariam tanto quanto eu me amaria a mim mesmo (até ao suicídio, é claro).

Mas não são apenas estes os solitários de **A Condição Humana**. Klein, Garine, Borodine, embora revolucionários unidos pelo mesmo ideal, lutando pela mesma causa, são, antes de tudo, grandes solitários. Veja-se, por exemplo, as palavras do narrador após a vitória da guarda vermelha sobre as tropas inimigas e quando a massa popular comemorava nas ruas a promulgação do decreto que favorecia o movimento revolucionário: **Nunca como hoje, senti tão intensamente esse isolamento de que Garine me havia falado, a nossa solidão, a distância que separa o que em nós há de profundo, dos movimentos desta multidão, e mesmo do seu entusiasmo...**

2 — Também os personagens de **Os Conquistadores** padecem daquela profunda solidão, daquele isolamento que encontramos na **Condição Humana**. Klein, Garine, Borodine, embora revolucionários unidos pelo mesmo ideal, lutando pela mesma causa, são, antes de tudo, grandes solitários. Veja-se, por exemplo, as palavras do narrador após a vitória da guarda vermelha sobre as tropas inimigas e quando a massa popular comemorava nas ruas a promulgação do decreto que favorecia o movimento revolucionário: **Nunca como hoje, senti tão intensamente esse isolamento de que Garine me havia falado, a nossa solidão, a distância que separa o que em nós há de profundo, dos movimentos desta multidão, e mesmo do seu entusiasmo...**

3 — O erotismo de Perken, de **A Estrada Real**, é também uma forma de manifestar a sua angustiante solidão. Mesmo nas suas relações mais íntimas com as mulheres, Perken é irremediavelmente um homem sozinho.

Apesar das contrações das comissuras dos lábios, este corpo enlucado consigo mesmo afastava-se dele sem esperança; nunca, nunca conheceria as sensações desta mulher, nunca encontraria neste frenesim que o sacudia senão a pior das separações. Só se possui o que se ama. Levado pelo seu movimento, nem sequer livre de a trazer à sua presença arrancando-se a ela, fechou também os olhos, strou-se sobre si próprio como um peixe, ébrio por aniquilar, à força de violência, aquele rosto anônimo que o acossava para a morte.

4 — **O Tempo do Desprezo**, de Malraux, não é só um livro sobre a guerra. Como em seus demais romances, o escritor deixa bem patente a angustiante solidão dos seus personagens. Kassner é um solitário. Sua mulher sofre do mesmo mal. Os participantes dos movimentos antinazistas são solitários unidos por um sofrimento comum a todos: a perda de algum ente querido nos campos de concentração de Hitler.

Neste aspecto, a obra assemelha-se e irmana-se aos outros trabalhos de ficção que o escritor produziu, entretanto, nem o livro nem os personagens atingem a grandeza de **A Condição Humana**, dos **Conquistadores** ou de **A Estrada Real**, que possuem uma dimensão humana bem maior.

NOTÍCIAS DO INVISÍVEL

NILO PEREIRA

Na infinita distância
Viajo em asas de anjo
Noturnas, transparentes asas
Soltas no espaço azul.
Talvez sejam de pássaro
Perdido, tonto de luz,
Buscando os braços da Cruz.
Quero ouvir o Inaudível
Quero ver o Invisível.
Há um sonho sideral
Em leito de roxo astral.
Nessa viagem do fim
Lá me vou pensando em mim.
Sinto o corpo mutilado
E o espírito desenganado.
São as mãos que me faltam
De tão pobres, tão vazias,
Perdidas, soltas no ar.
Como plumas leves, macias,
Que não cansam de voar.
Para onde vão elas, tão loucas?
Vão prestar contas a Deus
Das coisas tristes, tão poucas
Que fizeram, dançarinas,
Arrependidas serpentina
De um mundo vão e tão mudo
Que tanto fala e é surdo.
Já não vejo senão elas,
Pálidas, frias, amarelas,
Lirios de um jardim alado
Num sonho tão alumbrado.
A noite é mansa e divina,
A viagem, lenta dançarina,
Baila como o vagalume
Nos espaços misteriosos
Onde peixes em cardume
Lembram antigo Cristo-Peixe
Do poema de Jorge de Lima,
Belo e mágico transformista
Das coisas de lá de cima.
Um mundo novo, infinito,
Um abismo, uma ânsia, um grito
E as mãos soltas ao vento,
Procurando o que fazer,
Já que não fizeram nada
Na vida tão enganada.
Essa viagem sem fim
Termina agora, ai de mim.
Foi tudo forado tempo
Num tempo bem diferente,
Que traz a alma fremente
De ânsias tão incontidas.
O símbolo de tudo isso
É uma estrela cadente
Por minutos luminosa
E tão bela e vagarosa
Que parece essa viagem
Feita de Amor e Coragem
Por uns caminhos eternos.
O homem também cai assim
Na noite escura, sem fim.
Mas volta restaurado
Vivo, ressuscitado.
Traz notícia do Invisível,
Que ele viu em asas soltas
Das mãos que deixou perdidas
Em azuis estrelas caídas.

ARTE & TEMPO

ÂNGELO MONTEIRO

A tragédia nos aponta para o exílio da nossa verdadeira imagem. Pelo holocausto que nos exige, ela restitui o rosto que perdemos. Não se pode viver sem o conhecimento da tragédia. A tragédia é Édipo, mas é também Jesus Cristo. A tragédia destrói os nossos velhos olhos para que, recebendo novos, eles se iluminem com a luz que se eleva sobre o Gólgota.

Nós vivemos numa época que não conhece a tragédia. Numa época em que a penúria é grande, porque todas as grandezas morreram. Na treva da tragédia é onde a luz se encontra, e onde o homem se reencontra. Pois, envoltas no mistério de uma duplicidade que escapa aos que perderam a lâmpada ou o anel dos magos, reunem-se, em núpcias eternas, a Grécia dos trágicos e a Nova Jerusalém dos profetas ressuscitados.

E o Calvário é o ponto de união entre Édipo cego e o Cristo Ressuscitado. Entre o velho homem, perdido nas águas revoltas da tragédia, e o novo homem resgatado pela ressurreição.

Tal drama é, no plano histórico, Nietzsche chorando os velhos trágicos, como uma forma de sacudir o seu tempo, e São Paulo, pregando no Aerópago, para os gregos, o Deus Desconhecido. A ressurreição contra a tragédia. A ressurreição como superação da tragédia. Também uma luta contra o seu tempo para salvar o tempo que não morre. A luz desconhecida que brilhou sobre os céus do Paternon — e que era a dos deuses — reencontrada, no altar do Gólgota, pelo homem crucificado que se nos revelou Deus pela ressurreição.

Os olhos de Édipo, que morreram por inquirir o mundo, fundem-se, então, com os olhos vivos do Homem em vigília sobre a Cruz. E o homem parou de interrogar para contemplar e, em sua contemplação, salvar a ação dos que se precipitaram na tragédia.

A tragédia nos aponta para o lado escuro da Origem; e a ressurreição para o lado luminoso. Os dois lados, quando se abraçam, constituem a única face da Origem.

A história não pode andar sem se endereçar para esses dois lados. E quem pensar que caminhará para frente, se for em demanda apenas do Progresso, não conhecendo a tragédia, e impedindo também de ressuscitar, se distanciará da Origem e se encaminhará apenas para o pântano que misturará, como numa única chaga, a lama com a alma viva.

Os homens querem desdenhar as histórias de fadas. Por isso desconhecero para sempre o lago em que se descobriu o patinho feio, que era cisne, para, confundindo a própria face com as águas, afogar-se como Narciso. Quem não descobrir a beleza de Cinderela, nem por isso evitará que um príncipe — que sempre existe — não a salve de suas horríveis irmãs para torná-la em esposa de sua alma. O falso mago jamais reterá por muito tempo o anel mágico e a lâmpada maravilhosa de Aladim. Pois o falso mago — que é velho como seu tempo — não poderá fazer do novo mago — para quem o tempo é origem — continuo instrumento de sua cupidez, ou de sua vã capacidade de reter as coisas. Pois o novo mago — que não é falso — arrebatará sempre das mãos do velho mago — que deseja apenas reter a magia — o anel mágico e a lâmpada maravilhosa.

A vida é sempre possibilidade e, mesmo brincando com cálculos, jamais se resolverá somente neles. A poesia também poderá calcular, desde que o seu cálculo se resolva em magia.

Quem não acreditar na origem apodreará como qualquer fruto, e confundirá esse fruto podre com o próprio tempo.

Quem não recolher a sua água, como nas tendas dos Dervixes, beberá a água dos loucos e depois será por eles considerado, em vez de um puro tido insanamente como louco, um louco tido insanamente como curado. Entre ser tido por louco, e entre ser louco curado pelos falsos sãos, a escolha caberá ao mais sábio. E a maioria não sabe distinguir entre a porta do céu e o caminho do inferno.

Quem nela confiar, cegará. Sempre foi assim. E o menos sábio, ou o distante de qualquer sabedoria, sempre tenderá para o lado em que o número de cegos parece se identificar com o próprio olhar da sabedoria.

A tragédia foi crucificada no Gólgota. O que significa dizer que a tragédia, para morrer, teve de passar pela mediação da Cruz. Mas não se trata — se se quer compreender — duma cristianização da tragédia. E sim de sua culminação. De seu climax. Ela, entre os gregos, antes de ser gênero literário, foi drama humano, e tal drama nunca constituiu exclusividade de nenhum povo. Apenas os hebreus e os cristãos chamam de paixão o que, entre os gregos, recebeu o nome de tragédia. E se Édipo, entre os gregos, foi trágico, — ainda que sua tragédia seja uma **figuração artística** — com mais razão Jesus Cristo, entre os hebreus, por sua paixão, encarnou e consumou a **tragédia viva**, como o Deus que, sendo Homem, teve de paradoxalmente expirar sobre uma cruz.

Da mesma forma não somente aos hebreus era comum a noção de expiação. Que neles é mais uma imolação. Também aos gregos. Nos quais parece estar associada indissolúvelmente com a tragédia. E a expiação sugere uma vontade culpada. Não é sem razão que sobre esse aspecto se pronuncia Hegel: «Na Tragédia, os personagens consumam sua ruína, como consequência do caráter exclusivo de sua firme vontade, do seu caráter enérgico, ou então devem se resignar a admitir aquilo a que eles se opõem essencialmente»...

Se há um problema de vontade, também se coloca o de expiação.

Toda tragédia é expiação, porque toda tragédia exige **catarse**.

Ademais sendo os gregos um povo profundamente religioso, conforme o próprio testemunho de S. Paulo, no Aerópago, o conceito de expiação jamais lhes seria estranho. E tratando-se de uma civilização sacral, ainda que não teocrática como a dos hebreus e a dos egípcios, a essência de sua sacralidade estaria na ideia de sacrifício e, portanto, de expiação.

Lembre-se que Édipo, inocente da própria culpa, apesar da vontade que o precipitou nela, terminou por assumi-la. Aceitou-se culpado quando tudo, movido pela sua inquirição, foi se tornando claro, e o Mal então veio à luz. (E aqui se sente o pulsar da fatalidade).

Jesus Cristo, assumindo a culpa de todos os homens — por ser absolutamente a vítima sem mácula — elegera-se para a crucificação. (E aqui é onde está a verdadeira tragicidade).

Em Jesus Cristo, como feito, se consuma, em seu ponto máximo, a tragédia.

A tragédia, antes de se realizar na Arte, ocorreu necessariamente na Vida. Tam-

bém a **catarse** — em cuja ideia purificatória se encontra implícita a de expiação — se verifica primeiro no plano vital antes de se exercer, depois, na atmosfera dramática.

Na Vida a tragédia é purificadora porque, ao produzir sua **catarse**, melhora qualitativamente os homens por ela atingidos, bem como as comunidades que os tomam como modelos.

Na Arte a tragédia transforma em paradigmas permanentes aqueles que, no drama humano, impelidos pela trágica vontade, foram tragados pelo abismo das circunstâncias — ao realizar, em forma arquetípica, a celebração dos seus destinos pelo sacrifício e pela morte. E a **catarse**, provocada pela ação artística, purifica, então, pela comunhão com o sofrimento — não mais real porém ideal — dos personagens, os espectadores de sua mesma e abissal propensão para a fatalidade.

Se Édipo atingiu, pela sua tragédia, apenas a família real de Tebas, e ocasionalmente os seus súditos, em Jesus Cristo a **catarse**, operada pela sua tragédia, atingiu todos os homens de todos os tempos. E para sempre.

Depois da noite da tragédia, o sol da Ressurreição.

Depois da **purificação** trágica, a transfiguração do ser ressuscitado.

Os gregos conheceram o Olimpo. Mas não precisavam de ressuscitar para entrar nele.

Aos cristãos foi prometido o Paraíso. Mas precisarão antes de ressuscitar, para que venham a pertencer inteiramente aos seus domínios para sempre.

Em um plano, a conversão espiritual e, só depois, a salvação.

Em outro plano a morte e, só depois, a ressurreição: que é a conversão, não já dos espíritos, mas dos velhos corpos em corpos gloriosos.

Com a ressurreição morre a tragédia, e com ela o papel da **catarse**.

Mas antes disso a tragédia continuará existindo, culminando na morte, como cruz mediadora para a Ressurreição.

Em termos poéticos, depois da estética dos trágicos, somente Dante, o fixador do Paraíso, aponta para uma estética da Ressurreição. Para uma estética da claridade dos corpos ressuscitados. Estética que, ultrapassando o plano temporal, alcançou aquele «Amor que move o sol e as estrelas».

E o que foi expectativa para parir o verbo criador das entranhas do caos, será o gozo ininterrupto da Beleza que não se exaure. Da Beleza que se confundirá com a própria visão da eternidade.

E o que foi a determinação de Édipo — o grande inquisidor — para interrogar; de Édipo que, contrariando o apelo de Jocasta — a face feminina do enigma humano — para não prosseguir: « — Atende-me, eu te suplico; não prossigas — pretende, ainda contra si próprio, inquirir até o fim: « — Ninguém me dissuadirá de ir ao fundo da questão — será a revelação plena de uma Beleza que, em sua nudez, tornou dispensáveis todas as interrogações. E diante dela que farão as nossas misérrimas e agônicas interrogações, quando já estivermos a nos banhar na luz do seu perpétuo êxtase?



Frei Peréa celebra missa do segundo ano de Reitorado.

A leitura da Portaria Normativa nº 12-77, feita pelo próprio Reitor, Prof. Paulo Maciel, instituindo o Núcleo de Estudos do Sagrado e um Serviço de Assistência Religiosa Ecumênica na Universidade Federal de Pernambuco, foi um dos momentos considerados mais importantes da cerimônia que assinalou o 2º ano de administração do atual Reitorado.

A sessão foi realizada no salão João Alfredo, na Reitoria, com a presença de grande número de funcionários, professores e assessores do Reitor Paulo Maciel. Foi mais uma festa de confraternização, congregando todas as áreas que compõem a Universidade, mercê da atenção com que a administração central vem conduzindo os esforços visando aos objetivos da Universidade.

O NÚCLEO

A criação do Núcleo de Estudos do Sagrado e um Serviço de Assistência Religiosa Ecumênica pode ser entendida como um grito que se ouve no «deserto» da tecnocracia e da cada vez mais ampla falta de respeito aos valores humanos. É uma espécie de chamamento à reflexão dentro de uma sociedade de consumo em que os valores humanos geralmente são colocados num segundo plano (e quando o são...). A iniciativa diz bem do que é o humanista que atualmente conduz os destinos da Universidade Federal de Pernambuco.

Frei Romeu Peréa, Professor-titular do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, foi designado pela mesma Portaria para conduzir esse novo centro, devido aos seus méritos morais e intelectuais, e pelas suas orientações pioneiras no assunto, como bem frisou o Reitor.

O teor da Portaria, na íntegra:

PORTARIA NORMATIVA Nº 12-77

Institui um Núcleo de Estudos do Sagrado e um Serviço de Assistência Religiosa Ecumênica na Universidade Federal de Pernambuco.

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 33 do Estatuto da mesma Universidade,

CONSIDERANDO a notória preocupação da juventude com o sagrado, traduzindo-se na busca de conhecimentos e práticas religiosas;

CONSIDERANDO a natureza e o grau do saber ascético místico, perfeitamente integrado no sistema universitário;

CONSIDERANDO ser a religiosidade ligada historicamente à instituição universitária e que nela subsiste sob diversas formas de investigação da totalidade;

CONSIDERANDO que a Universidade Federal de Pernambuco é explicitamente plural não lhe cabendo discriminar, nem promover qualquer discriminação religiosa;

R E S O L V E :

Art. 1º — Instituir um «NÚCLEO DE ESTUDOS DO SAGRADO» e uma Assessoria para questões ecumênicas, com as seguintes finalidades:

I — atender a consultas sobre estudos e práticas do Saber Sagrado, subrogando os pedidos para diferentes especialistas, conforme as preferências dos consultantes;

II — organizar uma bibliografia mínima, sediando-a na Biblioteca Central;

III — orientar os estudantes, conforme suas preferências, para o convívio com sacerdotes e especialistas de renome intelectual e moral de diferentes crenças e denominações religiosas;

IV — reunir, na medida das possibilidades, conveniências e necessidades, eminentes estudiosos de várias religiões e práticas sagradas para o convívio pluralista dentro da própria Universidade;

V — promover sessões e divulgações especializadas, seguindo, neste particular, o pioneirismo da Universidade Federal de Pernambuco, conquistado com as «Semanas de Estudos Místicos»;

VI — planejar, a médio prazo, a construção de um Centro Religioso Ecumênico, compatibilizando práticas e horários na sua direção.

Art. 2º — Designar o sacerdote e professor titular Pe. Romeu Peréa, distinguido pelos seus méritos morais e intelectuais, e pelas suas orientações pioneiras no assunto, para dirigir o Núcleo e o Serviço.

Parágrafo Único — Será estudada a dispensa parcial, podendo chegar a total, quando conveniente, da sua carga horária docente para esta finalidade.

Art. 3º — Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. 13 de outubro de 1977, 156º da Independência e 89º da República.

Prof. PAULO FREDERICO DO RÊGO MACIEL
 - Reitor -

Carneiro Leão: Vivemos um Reitorado de participação

Vários atos marcaram o transcurso do segundo ano de administração do Reitor Paulo Maciel: instituição do Núcleo de Estudos do Sagrado; exposição da coleção de moedas; inauguração da nova sede do DEC — foram alguns pontos realçados, além da cerimônia congratatória realizada no salão nobre, que culminou com missa celebrada pelo Frei Peréa e a saudação feita pelo procurador Nildo Carneiro Leão, enfatizando o ritmo de trabalho e realizações até então do Reitor Paulo Maciel.

Na íntegra o pronunciamento de Nildo Carneiro Leão:

Magnífico Reitor PAULO FREDERICO DO RÉGO MACIEL

Aqui estamos reunidos para registrar o segundo aniversário do vosso Reitorado.

Difícil, sem dúvida, falar de uma efeméride quando esta por si só, por sua simples transcorrência repleta de tanto significado conforme estamos assistindo neste momento, suplanta de muito tudo aquilo que dela se possa dizer.

E muito mais difícil ainda, se o intérprete traz consigo apenas o beneplácito dos seus colegas, mas nunca o penacho do melhor talento.

Louvido porém no vosso espírito de condescendência, tentarei externar os sentimentos desta comunidade administrativa, confiante em que, ao final serei perdoado, quando nada por ter sido breve.

Falar de todas as realizações da Reitoria no decorrer do segundo ano do Reitorado de PAULO MACIEL, não seria tarefa para esta ocasião e certamente é matéria que, com evidente vantagem, será por ele exposta no seu Relatório anual.

Contudo, para que tenhamos uma idéia das suas prioridades e ordem de interesse, cumpre ressaltar que através da Pró-Reitoria de Apoio Administrativo, somente com o Restaurante Universitário, Residência do Estudante, Cantina do Centro de Artes e Comunicação e Cantina do Centro de Educação, foram gastos Cr\$ 311.000,00 em serviços e obras que vieram melhorar sobretudo o atendimento ao Corpo Discente no setor de alimentação e com a instalação de um gabinete odontológico na Residência do Estudante.

Na Faculdade de Direito foram empregados Cr\$ 345.000,00 com pintura geral das dependências onde funciona o Mestrado, recuperação do salão dos Espelhos, de considerável valor artístico, recuperação do Salão Nobre, de instalações elétricas, substituição do piso das salas de aula do sub-solo, pintura geral das dependências da administração e da Congregação.

No Centro de Tecnologia foram empregados Cr\$ 656.934,00, na adaptação do 7º andar do prédio para funcionamento da Biblioteca, restauração das instalações do Bloco de Ensino, restauração e reforma de toda a rede elétrica do Departamento de Energia Nuclear.

Com o Controle Acadêmico foram gastos Cr\$ 163.223,00 em adaptação do pavimento térreo do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Na adaptação dos blocos «D» e «C», do prédio do Centro de Ciências Biológicas, foram empenhados Cr\$98.990,00 para atender a necessidades do Departamento de Biologia.

Para o Centro de Ciências da Saúde foram canalizados Cr\$ 503.528,00 em obras, adaptações, pintura, restauração de instalações, aquisição e instalação de um gerador no Departamento de Fisiologia, e serviços varios no Hospital Pedro II.

Como providência que se impunha urgente para livrar o Departamento de Odontologia dos prejuízos das cheias periódicas do Rio Capibaribe, com a transferência de todo o acervo da Rua Henrique Dias, no Derby, para 2 pavimentos do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, nesta Cidade Universitária, foram gastos em obras e serviços..... Cr\$ 410.000,00 e em equipamentos Cr\$ 850.000,00.

Em aquisição de material de consumo e de material permanente para toda a Universidade, foram empenhados Cr\$ 4.679.600,00, cumprindo destacar, na parte de equipamentos, a aquisição de uma máquina para circulação extra-corpórea, destinada ao Departamento de Cirurgia, de uma máquina processadora automática de filmes de Raios X e de um Audiômetro Clínico.

Na área da Pró-Reitoria de Planejamento, destaque-se a assinatura de contrato para Planejamento Hospitalar e Planejamento Arquitetônico do Centro de Ciências da Saúde, de valor de Cr\$7.900.000,00, em dezembro de 1976.

Em agosto deste ano, tivemos a conclusão do Projeto Arquitetônico e a sua aprovação no Ministério da Educação e no Ministério da Saúde.

O objetivo do Projeto o acabamento do prédio do Hospital das Clínicas, com a entrega de determinados setores em condições de funcionamento, ainda na atual gestão, e de todos os serviços de infraestrutura.

Com uma área de construção de 56.873 m², 5 blocos e 1 pavilhão mecânico, o Hospital está projetado para 356 leitos e nele terá ênfase o atendimento ambulatorial.

Nas áreas da Pró-Reitoria Acadêmica, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e da Pró-Reitoria Comunitária, resalte-se, entre outras atividades a assinatura de Convênio com a Comissão Nacional de Energia Nuclear, para a realização de cursos visando o programa atômico brasileiro; reforço docente na área de informática e aquisição de computador; implantação do setor de Bio-Engenharia em Convênio com o Governo Francês; entendimentos com o Governo Japonês para implantação de uma Unidade de Imunologia; seleção e envio para a Alemanha, de especialistas no setor de Virologia; implantação do Mestrado em Engenharia Eletrônica; implantação do Mestrado em Geografia; implantação do Mestrado de Letras, e do Mestrado de Antropologia; cursos de especialização em Periodontia e em Produtos Farmacêuticos; cursos de extensão em composição e regência; recuperação do ritmo de publicação dos Anais do Seminário de Tropicologia, lançando 3 números; implantação do Serviço de Assistência Comunitária no Vasco da Gama, Convênio com a SUDENE e o CONDEPE para implantação de pesquisas na área econômica; Convênio com o INAM para ampliação e renovação do Curso de Nutrição; Convênio com o MEC para formação de conjuntos musicais e de balé; Convênio com a REFESA para especialização em Engenharia Ferroviária; Convênio com a Empresa de Transportes Urbanos para especialização e planejamento em transportes coletivos; Mestrado em Educação; reconhecimento de 8 cursos de graduação; reconhecimento do Mestrado e do Doutorado de Física; iniciado o processo de reconhecimento dos Mestrados de Matemática e de Direito; instalação do Laboratório de Engenharia Hidráulica em Convênio com a SUDENE; promoção de conferências, monografias, livros, uma peça musical e sobretudo a realização, na Faculdade de Direito, do Simpósio sobre o ante-projeto do novo Código de Processo Penal Brasileiro, como parte das comemorações relativas ao Sesquicentenário da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, e portanto da nossa Faculdade de Direito; ampla contratação de professores visitantes e professores colaboradores, para atender necessidades do ensino; e a realização de inúmeros concursos à Livre-Docência.

Muito a propósito foram feitas estas sumárias referências as realizações de mais um ano transcorrido, porque elas valem muito, inegavelmente.

Mas, no caso, valem muitíssimo mais e até encontram sua autêntica geratriz educativa, na palavra insigne de Vossa Magnificência.

É a Vossa presença, é a Vossa participação constante nos mais simples e nos mais importantes e solenes atos da vida universitária, é o transbordamento da Vossa riquíssima Intelectualidade, emprestando um sentido novo de humanismo na busca de soluções coerentes com o nosso passado, assimilador das conquistas técnicas e científicas do presente, mas inconformado, construtivamente inconformado com um crescente materialismo, um utilitarismo avassalador, uma doentia insensibilidade à violência e um radicalismo intransigente, deformadores da personalidade do indivíduo e comprometedores do seu futuro.

Tem sido esta a vossa luta: a luta pelos sentimentos e pelos ideais do homem comum, do homem normal, marginalizado na dinâmica social.

Sem dúvida, esta Universidade nasceu sob o signo do DIREITO.

Criada em 20 de junho de 1946, pelo Decreto Lei n.º 9.388, foi solenemente instalada no dia 11 de agosto do mesmo ano, tendo por inspiração a data magna dos nossos cursos jurídicos e por cenário o Teatro Santa Isabel, nosso tabernáculo cívico-libertário, como que a reter nas suas paredes as ressonâncias das campanhas pelo Brasil-abolicionista e pelo Brasil-republicano.

Pois ali permanecem, também, as ressonâncias da instalação desta Universidade sob o comando do seu primeiro Reitor, Dr. JOAQUIM INÁCIO DE ALMEIDA AMAZONAS. Inolvidável e consumado mestre do DIREITO, que à nova instituição transmitiu a chama do seu dinamismo e da sua perseverança na conquista de um nobre ideal.

Nasceu, sim, esta Universidade sob o signo do DIREITO porque foi na Casa de Tobias que ela inicialmente se abrigou,

foi ali que ela deu os primeiros passos e foi dali que ela partiu na configuração de uma nova entidade educacional, sem jamais se desvincular dos seus Mestres e dos seus melhores ensinamentos.

Fizestes muito bem, PAULO MACIEL, em assumir o exercício do cargo de Reitor naquele recanto para nós de um profundo significado, que é o Salão Nobre da Faculdade de Direito.

E aqui chegastes para pautar o Vosso trabalho nos ensinamentos e na formação que ali recebestes, entre os da geração de 45, e que tanto honrastes quer na cátedra, quer nos postos governamentais, quer na atuação legislativa.

Magnífico Reitor PAULO MACIEL: as gerações muitas vezes, umas mais, outras menos, são chamadas a participar de momentos cruciais no processo da dinâmica social.

São instantes de condensação que exigem renovado e permanente exercício reflexivo, exercício de meditação, de prudência e de sensatez, sob pena de se perderem as lições que os fatos em sua nudez estática estão a indicar.

São as horas da VERDADE.

No Brasil, estamos assistindo uma dessas horas e trairia aos seus objetivos a Universidade que através dos seus dirigentes, dos seus mestres ou dos seus estudantes, se deixasse levar pelas paixões e pelos radicalismos.

É nesse contexto que, mais uma vez, sobrelevam as regras de convivência sob o império do DIREITO. Do DIREITO como ciência normativa que estabelece as regras necessárias para assegurar o equilíbrio das funções do organismo social.

Muito se tem falado ultimamente em Estado de Direito. Há porém uma confusão que é preciso aclarar. Trata-se, evidentemente, do matéria de direito público e não de estado como expressão de qualidade inerente a uma pessoa natural, que a lei define e estabelece, para dar-lhe certos efeitos jurídicos. Esse estado é objeto dos direitos e deveres privados.

Mas a existência do Estado, como organismo político-administrativo que ocupa determinado território, habitado por um povo em seu significado étnico e cultural, como nação soberana submetida à autoridade de um governo próprio, aparelhado para a tripla missão de legislar, administrar e distribuir a justiça, por si só já pressupõe a vivência através do DIREITO.

Daí porque, para nós, na atual evolução das nossas instituições políticas, na lição dos fatos e no ensinamento dos nossos antepassados, desde o Brasil-Imperio até o Brasil-República, não basta aquela afirmação tão em voga por um indefinido e reticente Estado de Direito.

É expressão que engloba vários tipos de Estado. Cumpre definir qual o nosso, aquele que decrete e que terá de se aperfeiçoar sempre em razão da nossa formação histórica e da nossa evolução como povo: o Povo Brasileiro.

Essa formação é tão DEMOCRÁTICA que a permanência de normas de exceção em nossas instituições políticas, por mais prolongada que seja não a descaracteriza, por isso que não se incorporam e não se incorporarão jamais ao nosso direito substantivo.

Noutros povos, porém, tais normas já não configuram exceções e constituem objeto do direito.

Vejam, por exemplo, o Código Penal russo e lá encontraremos o famoso artigo 58, desdobrado em tantos itens e tantas letras, quantos são os graus de intensidade das transgressões catalogadas como crimes contra a segurança do Estado Soviético.

Temos aí um modelo do ESTADO TOTALITÁRIO, regime político em que há um só partido que se confunde com o próprio Estado, personificado na pessoa do seu dirigente máximo.

Entretanto, não obstante essas normas para nós de exceção terem se incorporado no regime soviético ao próprio direito-substantivo, seguramente não é este o Estado de Direito que almejamos.

Aqueles que no atual momento brasileiro falam vagamente em Estado de Direito, aconselhamos que completem a expressão: ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO E REPUBLICANO, que este é o nosso modelo.

Nele podem variar a filosofia de ação social e o sistema econômico, mas nele a soberania será sempre do POVO através do regime representativo e pluripartidário e ainda nele, além do direito social estarão garantidos os direitos do homem, sem prevalências nem exageros, mas em harmônico equilíbrio.

Assim e para citar apenas um exemplo, se é um direito do homem o de nascer sem o destino de vir a MORRER DE FOME vítima imolada na engrenagem de um capitalismo insensível e desumano, por outro lado, é verdade que se inscreve entre os direitos do homem na sociedade de hoje, o de não perecer como vítima inocente do TERRORISMO instituído como método de ação política.

A matéria em si, na sua aparente contradição não é nova.

Ninguém mais liberal, ninguém mais democrata, ninguém mais cultor do direito individual do que foi RUI BARBOSA, o que não impediu que aos 70 anos de idade, em 1919, ao tratar dos direitos humanos, assim se tenha expressado: "o direito vai cedendo à moral, o indivíduo à associação, o egoísmo à solidariedade humana".

A hora que passa neste país, Magnífico Reitor, se não estamos enganados, não seria a hora de Hitler e nem seria também a hora de Lenine, mas será sem dúvida a hora de DESIDÉRIO ERASMO, de Rotterdam, aquele franzino, narigudo e simpático velhinho do Século XVI, que ainda viveu o fim de uma época na qual os homens podiam ser queimados vivos por suas crenças, convicções e opiniões, mas que lutou tenazmente através da PALAVRA por um mundo livre de seus habituais ódios e de suas paixões políticas, por um mundo livre de temores e pressões.

Esta é hora de inteligência, de boa vontade e de concórdia, é hora de consenso, e não de radicalizações. Esta hora é vossa. PAULO MACIEL.

Neste tempo, em que os valores do espírito nem sempre são realçados, com o desenvolvimento das chamadas ciências exatas e da tecnologia assumindo as culminâncias, uma voz começa a bradar, em favor da filosofia e das humanidades, fazendo coro ao lado de outros humanistas como um Paulo Maciel, Frei Romeu Peréa, Maria do Carmo Tavares de Miranda, para não citar outros: Paulo Miranda, diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Com apoio efetivo dos atuais dirigentes da Universidade Federal de Pernambuco, o Professor Paulo Miranda persegue este objetivo: reunir forças, arregimentar recursos, no sentido de dar a maior dimensão possível aos estudos e pesquisas nos campos das ciências humanas e da filosofia, ao longo da sua administração.

Além de dirigir o CFCH, Paulo Miranda desempenha outras atividades universitárias: é vice-presidente do Centro de Relações Internacionais, no âmbito da instituição a que está à frente, vice-presidente da Comissão de Legislação e Normas da UFPE, membro da Comissão de Patrimônio e Sócio-Fundador do Instituto dos Advogados. Participa de bancas examinadoras para concursos em instituições universitárias, de Pernambuco e de outros Estados, é conferencista e tem artigos publicados em revistas especializadas.

Ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, o Prof. Paulo Miranda fala sobre o atual momento do Centro de Filosofia, e acerca de como vem conduzindo a sua administração.

JU — A Reitoria tem contribuído material e intelectualmente para o desenvolvimento das Ciências Humanas ?

PM — Contribuído de maneira admirável material e intelectualmente. Participação do Reitor em quase todas as conferências, defesas de teses de livre docência e Mestrado, Seminários, Painéis que realizamos no 1º semestre de 77. Tivemos 26 Conferências, 8 Seminários e 2 Painéis. Ressalta-se que o Prof. Paulo Frederico do Rego Maciel e Vice-Reitor Geraldo Lafayette no que pesa os afazeres, participaram discutindo, sugerindo, criticando e sempre procurando as Ciências Humanísticas. Nossa reivindicação em termos do material necessário tem sido todas atendidas. Estamos, dentro de 30 dias, com estacionamento de veículos dos melhores, espaço físico para instalação de todos os Mestrados, pintura em geral interna e externa do Edifício onde funciona o Centro e os Mestrados, material de consumo e, ressalta-se uma empresa responsável que realize o trabalho de limpeza, no que pese todas as restrições das despesas de 77.

JU — Quais as providências tomadas pela Direção do Centro, para estimular o interesse pela Filosofia? E quanto à instalação do Mestrado do Curso?

PM — A Filosofia é, dentre as matérias curriculares, aquela que teve mais conteúdo no passado conservando até o presente a maior densidade de pensamento. No início da estruturação dos conhecimentos humanos tudo era filosofia, o sábio era, ou melhor, se intitulava um amigo da sabedoria, um «Filósofo». Estudando os princípios gerais que regem o conhecimento humano merece a disciplina ou melhor as disciplinas filosóficas o melhor estímulo por parte desta diretoria:

1º Apoio irrestrito às iniciativas da chefia do Departamento.

2º Oportunidades oferecidas a professores do Departamento para fazerem cursos visando aprimorar conhecimentos.

3º Facilidades concedidas ao pessoal docente para participar de Congressos ou reuniões sob assuntos ligados aos temas filosóficos.

4º Concessão de autorização para ministrar cursos em entidades congêneres do país, o que propicia contactos produtivos para os docentes do referido Departamento.

Estes estímulos propiciados aos membros do Corpo Docente não deixam de ter seus reflexos sobre o alunato do referido curso.

Quando à organização do mestrado de Filosofia houve por bem esta diretoria entregar os contactos visando sua instalação à professora Maria do Carmo Tavares de Miranda que tem posto à disposição da causa o melhor de sua inteligência e capacidade de trabalho. A não instalação do referido curso prende-se ao fato de o Departamento estar com número exiguo de docentes já

nares, painéis, cursos e conferências promovidas pelo Servinte.

Além das atividades supra mencionadas há outras a que se dedicam professores do Centro em que dão sua melhor colaboração.

JU — Em relação ao Diretório Acadêmico como tem agido a Direção do Centro?

PM — Estou sempre em contacto com o Diretório Acadêmico e tenho sempre em mente que uma das finalidades da Universidade é transmitir às novas gerações o conteúdo por vezes ampliado de conhecimentos que nossa geração recebeu dos mais velhos, tendo esse pensamento em sua concretização me levado a ter interesse pelos problemas didáticos do estudante bem como criar condições sócio-am-

para aproximar os Departamentos?

PM — Medidas foram tomadas no sentido de aproximar os diferentes departamentos em seu aspecto social didático e científico. De entre as medidas tomadas para este desiderato ressalta-se como de grande importância a criação do Servinte que planejando conferências, debates, seminários, painéis e mais tertúlias científicas com participação interdepartamental, quer cêntrica quer de Departamentos de outros Centros.

JU — Quanto à pesquisa, o que podemos apontar como realização?

PM — As pesquisas realizadas nos departamentos do Centro são numerosas, umas feitas no Departamento de Geografia pelos professores: Gilberto Osório, Manuel Correia, Mário Lacerda, Raquel Caldas Lins. No departamento de História pelos professores: Nilo Pereira, Armando Souto

do realizado neste Centro. Colaborando com material, liberação de verbas, criação de Curso e outros e outros mais apoios de que tanto necessita este C.F.C.H. para seu pleno desenvolvimento.

JU — Quais os mestrados mantidos pelos diversos cursos do Centro? Têm despertado interesse?

PM — São mantidos neste centro de Filosofia os cursos de mestrado nos seguintes setores por ordem de instalação:

a) Mestrado de Sociologia, Coordenador Roberto Maia Martins, vice-coordenador Solange Souto. Este mestrado já conferiu grau de Mestre a muitos de seus alunos.

b) Mestrado de História, Coordenador Armando Souto Maior.

c) Mestrado de Geografia.

PM — Com referência as cantinas esta diretoria interessada em que as mesmas ofereçam a seus frequentadores comidas e bebidas em condições higiênicas quer no que se refere ao alimento ou a sua apresentação, higiene do local não esquecendo o preço dos gêneros tentando evitar que os mesmos sejam elevados em comparação com preços externos. Há três meses foi constituída uma comissão para estudar os problemas das cantinas, guarde o relatório da mesma para tomar as medidas cabíveis.

JU — Em termos de estímulos aos esportes no Centro, quais os planos da Direção ?

PM — A inexistência de campos de Esporte nas proximidades do C.F.C.H. bem como a exiguidade de tempo deixado pelos horários escolares dificultam a prática de esporte pelos estudantes. Entretanto medidas estão sendo tomadas visando a prática de esporte por parte do corpo discente, tentando realizar o classico programa «de Mens sana in corpore sano».

JU — E sobre a biblioteca Sectorial?

PM — Até há pouco tempo funcionava neste Centro uma biblioteca com os acervos referentes às matérias ligadas aos diversos departamentos que o cumpunha.

Lamentavelmente foram os livros da referida biblioteca por técnica levados para a Biblioteca Central. Esta medida se teve vantagens para certas pessoas apresentou-se desvantajosamente para a maioria dos alunos que tem de se deslocar ate a Biblioteca Central numa perda de tempo que poderia ser melhor aproveitada.

Entretanto há no C.F.C.H. algumas bibliotecas especializadas organizadas pelos mestrados como a de Ciências Sociais do Mestrado de Sociologia a de Geografia do Mestrado respectivo a de História do referido Mestrado.

Está a diretoria procurando organizar uma biblioteca para o Diretório Acadêmico já havendo recolhido algumas centenas de livros para o referido fim.

JU — Face à contenção da despesa de 1977, há falta de material de consumo, permanente etc. etc...?

PM — Realmente há uma contenção de despesa no corrente ano administrativo, tendo havido em face desta dificuldade um planejamento das necessidades de material de consumo e também material permanente.

Quanto ao material de consumo o funcionamento do Centro tem sido o mais correto face o planejamento de trabalho ajustando as disponibilidades às necessidades.

O material permanente tem sido reparado e aumentado na medida do possível, tendo sido equipadas secretarias de curso e departamento, gabinetes de professores e diretório acadêmico.

JU — Como vêm atuando as chefias dos diversos Departamentos e Coordenadores de Cursos ?

PM — As diferentes chefias de Departamento, coordenadores de curso e coordenadora de mestrados tem funcionado da melhor maneira possível, não querendo isto dizer que não hajam problemas. Estes surgem mas, encontram solução adequada no diálogo e senso comum. A compreensão de todos é fator com que sempre contei na realização desta minha função de Diretor.

Aos chefes de Departamento, coordenadores de cursos, professores, corpo administrativo e pessoal discente devo atribuir o bom andamento deste Centro de Filosofia e Ciências Humanas.



Prof. Paulo Miranda: por uma nova caminhada em favor da Filosofia

asoberbados com os trabalhos didáticos dos Ciclos Básico e Profissional. A contratação de novos professores será solução a ser adotada com vistas à instalação do mestrado.

Estas e outras medidas visam dar uma estrutura densa aos cursos de Filosofia procurando criar no pessoal discente amor ao pensamento filosófico e espírito de crítica tão necessário no mundo de hoje.

JU — Os professores têm participado ativa e espontaneamente no trabalho que vem sendo realizado pela Direção?

PM — A participação dos docentes nos trabalhos realizados pela direção tem sido das mais eficientes e ativas. Com a criação e instalação de atividades novas no centro tem a diretoria contado com a colaboração de ampla faixa do corpo docente que para isso foi solicitada.

Além das atividades normais de que tem participado o corpo docente algumas atribuições novas foram assumidas:

1 — Foi feita tentativa de uma melhor adequação dos cursos às necessidades de aprendizagem dos alunos para isso alguns cursos fizeram modificações em suas estruturas criando trabalho de conclusão de curso obrigatório, estabelecendo estágios intramurais e extramurais para os concluintes, preconizando o sistema de tutoramento para os alunos.

2 — A atividade em que o professorado tem colaborado eficazmente é na elaboração dos Boletins dos diferentes departamentos.

Elaboração de artigos, composição e feita dos mesmos são trabalhos dos professores.

3 — Outra atividade importante é a colaboração de todos nos Seminários interdiscipli-

biais para os mesmos realizarem suas tarefas. Entre estas condições tomei a iniciativa de conseguir e organizar nova sede do diretório mais adequada e acessível.

Estou organizando com livros doados por entidades várias e pelo corpo docente do Centro uma biblioteca fundamentalmente eclética que será entregue ao Diretório Acadêmico. Esta minha iniciativa visa atender meu pensamento de que a biblioteca é a alma da Universidade e que é bom que a alma não esteja separada do corpo.

Para atender a alimentação estamos estudando possibilidade de melhorar as condições da cantina no que tange a higiene e apresentação.

Os esportes, como esportista que fui, estão a merecer de minha parte estímulo e compreensão. A sua organização é dificultada pela exiguidade de tempo. Problemas outros existem, mas concentro minha atuação nos assuntos referidos.

JU — Em termos de publicações, o que tem feito no Centro de Filosofia?

PM — Em matéria de publicação o Centro tomou iniciativas importantes. Foram criados boletins Científicos trimestrais em todos os departamentos. Uma revista do Centro está programada para ser lançada em outubro ou novembro. Concomitantemente tem sido publicadas por profs do Centro, teses de mestrado e de livre docência. A isto deve-se acrescentar as teses de doutoramento de professores que fizeram no exterior. Cumpre lembrar os trabalhos particulares, individuais, fruto das pesquisas programadas pelos professores em regime de 40 hs, tempo integral e dedicação exclusiva.

JU — Alguma providência

Maior, Nelson Saldanha, Potiguar Matos e outros.

No departamento de Ciências Sociais há pesquisas em andamento feito pelos professores: René Ribeiro, Cláudio Souto, Heraldo Souto Maior, Roberto Mota, Celina Ribeiro, Pinto Ferreira, Silvio Maranhão, Bonifácio, Lavareda.

No Departamento de Psicologia ressalta-se: Paulo Rosas, Araujo e vários outros professores.

JU — O Centro de relações Internacionais tem alguma ligação com o C.F.C.H.? O que se propõe fazer o Centro de Relações Internacionais?

PM — O Centro de Relações Internacionais tem ligações diretas em termos de colaboração com o Centro F.C.H.. O diretor do C.F.C.H. e vice-presidente do Centro de Relações Internacionais, o qual tem como presidente o professor Silvio Loreto. Projeta-se fazer com colaboração dos dois Centros cursos intensivos de assuntos ligados aos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais das Repúblicas Sul e Centro Americanas, bem como de outros países relacionados pelo Centro de Relações Internacionais. Intercâmbios de professores e conferencistas, conferências, mesas redondas e outros tipos de abordagens e exposições de problemas serão programados conjuntamente pelo CRI e C.F.C.H.

JU — O Reitor e seus auxiliares diretos, Pró-Reitores, estimulam e incentivam esse trabalho?

PM — O magnífico Reitor e seus auxiliares mais diretos, o vice-Reitor e os pró-Reitores de apoio administrativo, acadêmico, pesquisa e pós-graduação e para assuntos comunitários estimulam e incentivam em seus respectivos campos os trabalhos que vem sen-

Coordenador Manuel Correia de Andrade.

d) Mestrado de Antropologia, Coordenador Roberto Mota, vice-coordenador José Nesketh Lavareda.

Por conta da elaboração de tese muitas pesquisas foram realizadas e publicadas, muitas pesquisas de campo e bibliografia. Esses mestrados visam atender a especialização do professorado das regiões Norte e Nordeste.

JU — Em termos administrativos quais as realizações programadas ainda para este ano?

PM — As realizações programadas para o presente ano já realizadas ou em vias de realização são as seguintes:

1º) Localização do Diretório em instalações condignas compatíveis com suas finalidades e necessidades.

2º) Limpeza e pintura interna do edifício.

3º) Construção de amplo estacionamento para carros quase em via de conclusão.

4º) Revista do Centro

5º) Organização de uma biblioteca setorial.

6º) Reorganização das cantinas atuais com vistas a um atendimento melhor.

7º) Incentivos à parte de jogos e esportes.

JU — O pessoal administrativo tem dado boa contribuição?

PM — Contribuição do corpo administrativo à realização do Centro de Filosofia e Ciências Humanas tem sido relevante. E graças a este apoio que direi logístico que se faz o trabalho eficiente e profícuo. Cumpre salientar a extrema dedicação de alguns não esquecendo a colaboração de todos que dentro de limitações e dificuldades tentam dar melhor apoio à direção do C.F.C.H.

JU — Em relação às Cantinas?

DE KUBRICK A TOM GRIES



Barry Lyndon — Este é o mais diferente de todos os filmes de Stanley Kubrick. Diferente em que sentido? Ora, Kubrick sempre demonstrou uma certa preocupação com os conteúdos densos, insuspeitáveis. Senão vejamos: criticou asperamente a inútil e hedionda crueldade da guerra em **Glória Feita de Sangue**, ridicularizou a bomba em **Dr. Fantástico**, enalteceu a figura do gladiador trácio em **Espartacus**, zombou de um velho apaixonado por uma ninfeta em **Lolita**... E assim por diante. Mas com **Barry Lyndon** não há, a rigor, nenhuma preocupação em premiar aqueles que, não faz muito tempo, tinham em alta consideração os interesses relevantes do, amoralismo à parte, excelente Kubrick.

Mas, apesar de beirar o escapismo, Kubrick realizou um dos filmes visualmente mais belos da história do cinema. E que ninguém se engane: a poesia do visual, em **Barry Lyndon**, compensa amplamente a indigesta, tediosa falta de assunto que compõe o roteiro do filme durante os seus 180 minutos. E fica mais rico ainda com a admirável cena em que o aventureiro chora, com visível sinceridade, a morte próxima do filho pequeno.

A Flor da Pele — Agora, sim, o cinema brasileiro entra definitivamente na era da psicanálise. É, pelo menos, o que se deduz de uma primeira impressão de **A Flor da Pele**, de Francisco Ramalho Júnior, premiado no Festival de Gramado. Como o drama de amor vivido pelo professor de dramaturgia e sua descuidada aluna não é suficiente por si só, o diretor resolve, embora de maneira tímida, trazer à superfície poucas e vagas colorações políticas. Numa delas, o professor folheia um número da revista semanal «Veja» cuja capa traz a fotografia do escritor Érico Veríssimo, quando de sua morte, e comenta mais ou menos o seguinte: «Uma grande criatura. E era meu amigo. O Brasil de hoje não podia perdê-lo». Entenderam? Sim, mas não é o essencial. O essencial seria transformar os chiques existenciais de Denise Bandeira e Juca de Oliveira em algo digno de crédito. O que o diretor, infelizmente, não consegue.

Reavaliando — O Festival de Faroeste da TV Globo, Canal 13, apresentado na primeira semana de agosto, deu margem a que fizéssemos revisões

de algumas das melhores fitas do gênero, que, por sinal, andam meio esquecidas. Mesmo superficialmente — por causa do curto espaço —, é bom relembra-las.

Consciências Mortas — William Wellman deu, com este filme, sua melhor contribuição ao western. Trata-se de uma obra-prima de alta voltagem psicológica. Intenso e profundo, lírico (vide a sequência em que os dois vaqueiros amigos chegam à cidade, com um cãozinho atravessando uma rua) e dramático (a cena final, com os vaqueiros indo embora, mas seguidos pelo cãozinho). Uma beleza. De 1944.

No Tempo das Dúrgências — John Ford e sua primeira obra-prima. Enfim, a mais renomada das películas dirigidas pelo falecido diretor. Um elogio dos sentimentos mais nobres do homem — amor, nobreza, coragem. De 1939.

O Matador — Gregory Peck encarna um pistoleiro temido e provocado por todos. Ele, porém, só pensa na mulher amada. O filme mostra como era fácil, nos Estados Unidos do século passado,

fabricar um pistoleiro. Um bom filme de Henry King. De 1950.

Céu Amarelo — Um filme de William Wellman. Assaltantes de um banco refugiados em pleno deserto, na casa de um enfião. Todos disputam a filha do velho, enquanto esperam um ataque dos índios. Há um alentador clima de suspense. De 1948.

Caravana de Bravos — Belíssimo filme de John Ford, embora nem sempre visto assim pela crítica especializada. Os percalços de uma caravana de pacíficos mórmons rumo às férteis terras do Oeste, atravessando uma terra onde eram comuns ataques de índios navajos ou de pistoleiros profissionais. Simples mas de um lirismo extraordinário. De 1950.

... **E o Bravo Ficou Só** — O melhor filme de Tom Gries. E uma das boas interpretações de Charlton Heston. Um vaqueiro, caçado como fera por um pastor e seus três filhos, e seus devaneios amorosos. Destrói os seus inimigos mas a mulher amada escapa de seus braços. De 1967.

TELEVISÃO

Telejornalismo: melhora na Globo, piora na Tupi

Há novidades no telejornalismo da TV Globo. O **Jornal Amanhã**, por exemplo, mudou de horário. Agora ele entra uma hora antes do seu horário habitual (11 horas e 45 minutos), que está sendo ocupado pelo **Painel**. O **Jornal Nacional**, porém, continua no mesmo horário e, segundo as costurmeiras pesquisas de opinião pública, com os mesmos índices de audiência: 30 milhões de telespectadores. Mas não foi apenas a mudança de horário do **Amanhã**, além da consequente criação do **Painel**, que gerou transformações no telejornalismo global. E é o que veremos a seguir.

Conquanto o **Jornal Nacional** continue se atendo às questões secundárias, com as notícias sendo individualizadas mas nunca analisadas, o **Jornal Amanhã** progrediu a olhos vistos. Chega, inclusive, a veicular notícias que, tempos atrás, jamais passara pela cabeça dos seus redatores. Num certo dia de agosto, chegou a fazer referências a manifestações estudan-

tis em São Paulo. Além de estar filmando debates polêmicos no Congresso.

Mas é em **Painel**, contudo, que brotaram as melhores surpresas do telejornalismo da Globo nos últimos tempos. Quando do seu início, porém, o telejornal **Painel** não conseguia, de forma alguma, tornar concretas as vastas ambições preconizadas pelos seus redatores. Tratava-se de uma coisa confusa, decepcionante, até. Assim, propunha mas não dava interpretações aos fatos. O locutor Berto Filho, um dos bons profissionais da empresa, lia as notícias sentado numa cadeira quase à altura da mesa, os braços livres mas sem uma gesticulação convincente, limitando-se, quase sempre, a dar batidinhas na mesa com a caneta para sublinhar cada sílaba de uma palavra que considerava relevante. Agora, porém, subiram a mesa e o Berto Filho consegue se apresentar de maneira muito mais convincente.

Mas a sensação do **Painel** fica por conta das entrevistas que o programa leva ao ar. Tais entrevistas, geralmente longas, são comandadas pelo excelente Otto Lara Resende, que, através de conversas brilhantes, irônicas, marca um ponto no telejornalismo brasileiro. Simplesmente sensacionais foram suas entrevistas com Eugênio Gudin, Pontes de Miranda e Nelson Rodrigues.

A TV Globo, portanto, dispara na frente em matéria de telejornalismo. Formando um visível contraste com o telejornalismo da Tupi, que vai cada vez pior. Para se ter uma idéia, um dos telejornais da emissora, o **Jornal de Domingo**, não tem sequer horário fixo para entrar no ar. O que constitui total desrespeito aos seus telespectadores — que, por sinal, já são minoria, pois mesmo as telenovelas exibidas pela Tupi perdem, a cada dia que passa, um maior número de aficionados.

BRIDGE

Um esporte praticado em equipe, à base de cálculos

O Bridge é um esporte ainda bastante elitizado, à semelhança do Xadrez; exige uma determinada concentração nas jogadas, embora seja praticado em equipe, necessitando um certo entrosamento entre seus participantes que se utilizam das 52 cartas do baralho. Aos poucos esse esporte vem se difundindo por vários países, atraindo para seus campeonatos grande número de aficionados, que tentam cada vez mais ampliar a sua prática. Há países, entretanto, que ainda não descobriram a importância cultural que o Bridge oferece.

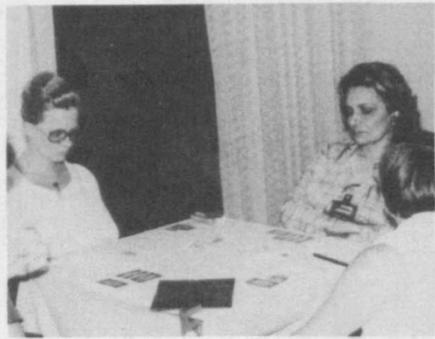
No Brasil, o Bridge já é um esporte reconhecido pelo Ministério de Educação e Cultura, e as diversas Federações e a Confederação são sujeitas ao disciplinamento atribuído pelo Conselho Nacional de Desportos. A verdade é que já podemos contar com equipes de bridgistas em diversos Estados brasileiros com o intuito de divulgar esse jogo de salão. Tanto é que, a Federação Pernambucana de Bridge patrocinou, este ano, em setembro, no salão de Convenções do Hotel Vila Rica, o XXV Campeonato Brasileiro de Bridge, que contou com a participação das Federações: Paulista, Gaúcha, Carioca, Baiana, Pernambucana e Mineira.

EQUIPE PERNAMBUCANA

A Universidade Federal de Pernambuco colaborou para a realização do Campeonato, que apresentou os seguintes vencedores: masculino (quadra-livre), 1º lugar — Rio de Janeiro; 2º — Bahia; 3º — São Paulo; 4º — Rio Grande do Sul; 5º — Pernambuco e 6º — Minas Gerais. No feminino (quadra-feminina): 1º — Rio de Janeiro; 2º — São Paulo; 3º — Bahia e 4º — Pernambuco. A equipe pernambucana foi representada pelas sras. Neusa Rosa Borges, Regina Emanuel, Gaby Day, Lena Brito, Janete Steiner e Belinha Buyers, no setor feminino, enquanto que no masculino (que pode incluir elemento feminino), a equipe pernambucana foi representada pelos seguintes bridgistas: Prof. Murilo Guimarães, dr. Renato Maia, dr. Fernando Leal, sra. Rita Maia, dr. Fernando Bandeira e dr. Agenor Bittencourt.

O atual presidente da federação Pernambucana de Bridge, Comendador José Várzea, acaba de fazer viagem à Europa, tendo assumido a direção da entidade, o vice-presidente, dr. Roberto Rosa Borges, conhecido desportista pernambucano.

Para a diretora do Departamento Pessoal da Universidade Federal de Pernambuco, dra. Neusa Borges, «o Bridge constitui o



A equipe feminina de Pernambuco armando suas jogadas.

único jogo de cartas que se desenvolve com a exclusão do fator sorte. Por isso mesmo possibilita a realização de campeonatos e torneios que vão desde o âmbito estadual (como os campeonatos promovidos pela Federação Pernambucana de Bridge), até os campeonatos nacionais, como o que em princípio de setembro se registrou no Recife. Há ainda campeonatos mundiais e torneios internacionais promovidos por entidades especializadas, em quase todos os países. O Brasil tem uma excelente posição no Bridge internacional, sendo, desde muitos anos, o Campeão Sul-Americano, e consagrando-se no ano de 1976, vencedor de importante torneio internacional do qual participaram representações da Itália, Estados Unidos, Israel, China e França».

COMO JOGAR

«Tem o Bridge — continua a sra. Neusa — um nítido aspecto cultural, que assemelha-se ao Xadrez. No Recife, ele é praticado principalmente no Automóvel Clube de Pernambuco, através da Federação Pernambucana e é igualmente praticado por sócios do Brithish Country e Caxangá Golf-Clube, sob forma amistosa. Para se salientar a importância desse esporte seria tão somente necessário dizer que o jogo em alguns centros Universitários dos Estados Unidos e Suécia, faz parte do currículo universitário».

Interessada em despertar o interesse pela arte do Bridge, a bridgista continua, tentando explicar onde surgiu a prática desse esporte: «Podemos considerá-lo como um jogo inventado nos Estados Unidos, mas foi na Inglaterra que ele foi aperfeiçoado mesmo, dada a atual modalidade de Bridge-Contato. Os americanos, no entanto, conseguiram por muitos anos superar os Ingleses, e eram considerados imbatíveis, até que os italianos pelo estudo e análise, formularam novos sistemas de marcação, propiciando aos mesmos a liderança mundial que se prolonga há mais de 10 anos.

O Bridge é um exercício mental de relevância importância e um jogo de memorização e análise que obriga o jogador a um raciocínio tanto mais rápido quanto intenso. O jogo se desenvolve em parcerias (duplas), com todo o baralho (52 cartas) distribuído, cabendo, portanto, a cada jogador 13 cartas. É constituído por duas fases: Leilão e Cartão. O Leilão propicia calcular o valor das «mãos» (Cartas em poder de cada jogador), tanto do parceiro como dos adversários, a predominância do naipe e qual a dupla que fica com o jogo. Concluída a parte do Leilão, inicia-se o Cartão, no qual um jogador é o Carteador e o seu parceiro o «morto», pois, coloca o jogo aberto na mesa para que o carteador jogue pelos dois.

Para que um jogador possa «abrir» o jogo é necessário que tenha no mínimo 13 pontos, contados da seguinte forma: As vale 4 pontos, Rei-3, Dama-2, Valeta-1. Ausência de Naipes-3 pontos, duas únicas cartas de um Naipes-2 pontos, e uma única carta de um Naipes-2 pontos. As demais cartas não têm valor fixado. O cartão lembra ligeiramente o jogo «sueca», havendo «corte» pelo «trunfo», quando não se tem Naipes para servir. A menor carta é o 2 e a maior o As.

Ainda sobre o Bridge, quero informar que a nossa Federação, através do núcleo de Educação Física e Desportos, realizou uma palestra para a divulgação desse esporte, que contou com a colaboração do técnico, sr. Erasmo Assumpção. O assunto foi desenvolvido com muita precisão, tendo despertado o interesse de todos os presentes. Este é o nosso principal objetivo, salienta a dra. Neusa Borges — incentivar a prática desse esporte, em nossa cidade».

ROBERTO PRADO BORGES

O folclore maluco do futebol

O folclore do futebol é mais vasto do que se pensa. E muitas das graças divulgadas sobre o chamado esporte bretão giram em torno da incompetência verbal dos futebolistas. Há, também, piadas que mostram o lado negativo do caráter dos jogadores ou dirigentes. Às vezes, semelhante tipo de graça chega a ser perigoso, pois coloca a torcida em total desacordo com os profissionais. Assim, é justamente das arquiabancadas que podem partir os mais diversos e inconvenientes estilos de protesto, desde o palavrão até as garrafadas.

Conta-se que, certa vez, o ex-ponta direita Dedeu, do Náutico do Recife, respondendo a um locutor de pista que lhe perguntara como iam as coisas, disse: «Tudo gêgê». Sem entender absolutamente nada, o locutor indagou o que ele queria dizer com aquilo, e Dedeu, fulminante, respondeu: «Tudo joinha, joinha». Pobre Dedeu. Durante o tempo em que jogou no Recife, o público e a imprensa estavam sempre a incomodá-lo. E lá vai mais outra sobre o indigitado ponta direita: voando a uns 5 mil metros de altura, num avião que conduzia o Náutico para mais um compromisso pelo Campeonato Nacional, ele argumentou para um companheiro que «sabia que o Brasil era muito grande, mas não tão alto».

Há muitos anos, jogavam dois times da Divisão Especial de São Paulo, ambos do Interior, e o centro avante de um deles ficou sozinho diante do goleiro. Este saiu do gol e, atabalhado, partiu para cima do centro avante. «Toma a bola, eu fui comprado», implorou o atacante, ao que o arqueiro replicou: «Mas como, se eu também fui comprado?». Infelizmente, a tradição não registra os nomes dos «craques».

O excelente cronista José Inácio Werneck, do **Jornal do Brasil**, garante que Tim é o maior inimigo do futebol moderno. O técnico Tim, cujo nome verdadeiro é Elba de Pádua Lima, costuma dizer que «quem corre é a bola», mas o cronista Werneck diz que «quem o viu jogar se lembra de quê no tempo dele nem a bola corria». Continua o jornalista carioca: «Tim foi o inventor do famoso futebol do lero-lero, que quase levava o finado Ari Barroso à loucura. Lá ficava Tim, a executar verônicas para irritar o time do Flamengo, mas a bola nem nem recuava um milímetro. Basta dizer que Tim obrigou o Fluminense a se desfazer de Hércules, um excelente extremo que corria, para ficar com Carreiro, um jogador firuleiro que nem ele». No time do Fluminense jogavam Romeu na meia esquerda e Hércules na ponta. Romeu pegava a bola e lançava, como Gerson costumava fazer, para a corrida vertiginosa de Hércules. Com Tim, porém, Hércules corria, corria, corria e nada. A solução encontrada, lembra Werneck, foi trazer Carreiro, «e a dupla ficava se divertindo, a trocar bolinhas».

Tudo isso parece coisa de maluco. Mas, por falar em maluco, o ex-juiz e hoje comentarista esportivo Mário Vianna é um dos raros brasileiros que podem provar, de documento na mão, que não têm nada de doido. Devidamente documentado — sim, pois certa vez, ao ter sete de seus jogadores expulsos de campo pelo folclórico mediador, o Clube de Regatas Vasco da Gama exigiu que Mário Vianna fosse submetido a uma prova de sanidade mental. O país todo ficou estarelecido quando Vianna passou nos testes que lhe foram impostos por uma junta de psiquiatras. Mas Sandro Moreira, seu contemporâneo, garante que ele filou nos exames.

Numa rua de subúrbio do Rio de Janeiro, o compositor Ciro Monteiro, já falecido, deparou com um crioulo todo arrumadinho, circulando ali por perto. Perguntou-lhe: «Torces para quem, meu chapa?». O crioulo respondeu: «Flamengo, é claro». Ciro Monteiro insistiu: «Então, quais as cores da camisa do Flamengo?». E o crioulo, enfático: «Rubro-negro e preto, né?».

Quando Gentil Cardoso era técnico do Vasco da Gama, a crônica e o público estavam sempre a inventar histórias sobre ele, ou seja, a respeito do seu comportamento engraçado. Certo dia, durante um treino no Estádio São Januário, Gentil comandava as evoluções dos seus jogadores transmitindo ordens através de um megafone. Noca, ponta direita, não cedia a bola a ninguém. Driblava, driblava, driblava e terminava perdendo. De posse do megafone, o técnico gritava insistentemente: «Larga essa bola, Noca!». Cansado de ouvir reclamações, o jogador afinal se irritou. Gentil acabava de dar um grito, Noca parou diante dele e o olhou com raiva. O técnico não teve dúvidas: «É a sua!». Alguém ao lado argumentou que o rapaz não havia dito nada, e Gentil justificou: «É o meu sexto sentido».

Multidão esmaga criança, em clássico, a qualquer hora

Mais uma omissão com relação ao torcedor vem sendo cometida pela Federação Pernambucana de Futebol. Omissão quanto a estabelecer normas, desta feita visando disciplinar o comportamento do próprio torcedor, nos dias de clássicos. Do torcedor que, de forma irresponsável, leva crianças de braco para os estádios, como se sabe, até para o adulto é difícil enfrentar o congestionamento, o empurra-empurra, para conseguir um lugarzinho ao menos para colocar os pés.

Caso não seja tomada providência pela FPF quanto ao problema, poderemos vir a registrar incidentes e, quem sabe, até casos de morte (crianças imprensadas, pisoteadas, machucadas) numa dessas «ondas» de empurra daqui empurra dali, o que quase sempre resulta em tumultos, entre os torcedores, pois, quem tem o mínimo de conhecimento sobre psicologia de multidões, sabe perfeitamente que a «massa» humana é de comportamento imprevisível, portanto incontrolável em determinadas circunstâncias.

Ora, já pensou a situação de um pai ou de uma mãe que, inadvertidamente, leva uma criança de dois, três, quatro

anos, para qualquer um dos três estádios de futebol de Pernambuco, em dia de clássico, e venha a ocorrer um tumulto qualquer, resultando em correrias, quedas, pisoteamentos, isto é, as consequências comuns ao espalhamento de uma compacta multidão espremida em espaço físico insuficiente? Ao adulto é difícil suportar tais consequências, imagine uma criança de menos de dez anos de idade. É uma temeridade. Mais do que isto: é um crime com co-autorias — primeiro, da FPF por permitir esse ingresso; segundo, dos próprios pais. A estes, pode-se atribuir inclusive um gesto de desamor, desde que saiba, seja consciente dos riscos a que expõe seu filho em meio à multidão.

Vem outra questão: qual a finalidade de uma criança de idade inferior a dez anos, diria melhor, crianças de braco, de tenra idade, num estádio de futebol, quando da disputa de um clássico? Estaria torcendo pelo seu time? Estaria acompanhando atentamente lance por lance, divisoando bem as situações defensivas e ofensivas, etc., etc.?

Para os que não venham a assimilar a nossa advertência, queremos dizer,

de pleno, que não somos contra a participação de crianças nas diversas modalidades de esportes. Pelo contrário, devem os jovens ser estimulados a tanto. Entretanto, o problema aqui, como já foi amplamente mostrado, é no sentido de evitar o pior, e a tempo, para que as lamentações não venham tardiamente. Crianças de dois, três, quatro, cinco aninhos, melhor se encontram num belo jardim, num parque infantil, num zoológico, ou tomando seu banho de mar (cuidado para não passar das 9 horas, a partir de quando os raios ultravioletas são recomendáveis apenas para adultos). Enfrentar os estádios de futebol em Pernambuco, mormente quando temos confronto entre Santa, Sport e Náutico, é risco reservado exclusivamente aos adultos — e aos que não estiverem fisicamente dispostos, é aconselhável outra opção.

Qual a posição da FPF, para equacionar o problema? Muito fácil: bastaria baixar uma norma proibindo o ingresso de crianças com idade inferior a oito anos, pelo menos, nos estádios, por ocasião dos chamados clássicos. Esperamos que o problema venha a ser ao menos considerado.

FOLCLORE

ANGELA DELOUCHE

Europa, África e América, em grandes marcas, cada qual com raízes complexas, caldearam o folclore brasileiro na música, na dança — dois grandes aglutinadores sociais —, nos contos e lendas, nos folguedos, em grande parte de origem religiosa. Nosso folclore de hoje está deixando de ser um mosaico para ser um grande quadro de inspiração e cores expressivamente brasileiro.

Folguedo transforma baianas

A baiana é «pernambucana». Esta afirmação é do renomado pesquisador Théo Brandão. Diz ele: «A primeira vista pode parecer que as Baianas sejam personagens ou danças oriundas da Bahia. Sobretudo porque, além do nome pelo qual se designam, vestem-se elas em estilizações ou adaptações do clássico traje de baiana: vestidos compridos de florões, blusas de cor, torços de seda, balagandans de imitação.

ele não passa de uma modificação rural do Maracatu, onde se aglutinam elementos do Pastoril e dos Cocos, com danças e canções de nítida influência religiosa negra. Théo acrescenta que ainda hoje é usado no sul de Pernambuco e norte de Alagoas com o nome de Samba de Matuto ou Baianal.

Só a partir da década de 20 o folguedo passou a ser denominado de Baiana.

«A verdade, porém, é que o folguedo é oriundo do sul de Pernambuco, havendo penetrado no Estado a partir da primeira década do século, a princípio como clube de carnaval e, posteriormente, a partir da terceira e quarta décadas, como função natalina.»

Samba de Matuto

Théo Brandão, em sua análise minuciosa desse folguedo que ele considera natalino, afirma que

«Baiana,
Se for a Recife
Me traga um rifle
Do papo amarelo,
Parabelo
De cano bem grosso
Pra dá a esse moço
Pra atrair com ela»

A transformação do barro em obras de valor artístico

A cerâmica artística é cultivada no mundo todo, aliás o emprego do barro pelo homem perde-se na pré-história — disse Marluce Queiroz da Cunha, professora de cerâmica e modelagem em barro, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, onde, recentemente, realizou exposição dos trabalhos de seus alunos.

Programa Próprio

Ensinamos — disse — com programa próprio. Empregamos várias técnicas para levar o principiante a dominar a matéria prima, isto é, o barro e dar-lhe possibilidades de expressar sua criatividade. No primeiro ano do curso essas técnicas se realizam em quatro etapas: com o barro laminado, aberto com o rolo, a modelagem realizada em suporte de gesso; com a técnica denominada de colombinos — originária da Colômbia — sendo que nessa técnica o barro é transformado em tubos que se superpõem, uns ao lado dos

outros, possibilitando efeitos de variação de luz na peça, independentemente da pintura que lhe seja dada. Realizamos também trabalhos em placas que podem ser levantadas em vários tamanhos. Por fim damos aos alunos uma demonstração do torno do oleiro, pouco usado por nós por ser pesadíssimo.

Nos estágios mais adiantados ensinamos o emprego do esmalte, do vidrado, dos corantes e do emprego do forno. Anteriormente levávamos os alunos ao pé das barreiras, onde a nossa matéria prima encontra-se em estado bruto, para mostrarmos os diversos tipos de cor e textura do barro, encontrados na natureza. Atualmente, dada a dificuldade de transporte, já não nos é possível realizar esta parte, apenas incentivamos os alunos a observar, por conta própria, e nos relatar o que viram, lá fora.

O Barro Preparado

O barro tal como é encontrado na natureza, no leito do Capibaribe, por exemplo, é rico

em argila apropriada ao nosso trabalho. Várias barreiras nos são indicadas pelo Instituto Técnico de Argila. Mas, mesmo assim, não podemos empregar a argila sem que ela seja triturada e decantada convenientemente. Esse preparo do barro pronto a ser empregado pelos alunos, é feito nas máquinas da Fábrica de Cerâmica do Dr. Roberto de Souza Leão, um amigo pessoal e agora da Universidade, que cada ano, manda lavar as máquinas de sua cerâmica e passa o barro, por nós, diretamente Indicado. Graças a essa valiosa ajuda, nossos alunos tem, pronto para ser usado, o barro maleável para a modelagem.

O Forno

O Curso de Cerâmica ao meu encargo — explicou Marluce Cunha —, possui um excelente forno, instalado, infelizmente, em local sujeito a cheias, pois o Capibaribe passa atrás da Escola de Artes, no Benfica. Como se sabe, a tendência é realizar o Curso no Centro de Arte e Comunicação, cujo diretor, arquiteto

Zildo Caldas, tem a maior boa vontade em transferir o forno para o Centro, desse modo deixaremos de sofrer cada vez que as águas invadem nosso local de trabalho.

A Única Brasileira

Marluce Queiroz Cunha cursou, durante três anos, em Roma, na Escola A. Diaz, o curso profissionalizante de Cerâmica. Foi a única brasileira da turma, tirou o 1º lugar e o prêmio de cem mil liras.

Em seu retorno ao Brasil, Marluce esteve com Francisco Brennand, que examinando o seu diploma disse que tal era o valor desse título que ela poderia ensinar em qualquer parte do mundo. Em seguida apresentou-a a Fernando Menezes, então diretor da Escola de Artes, dizendo: «Esta caiu do céu para o lugar que você queria que eu ocupasse, mas não sei, nem gosto de ensinar. Aqui está a pessoa indicada».

Passou-se isto há dez anos. Desde então o curso de cerâmica vem crescendo e ganhando adeptos.



afonso

Cultura folclórica é elemento nacionalizador

O Folclore, em sua dinâmica existencial, é visto, atualmente, como elemento nacionalizador, não somente no Brasil como em vários outros países. Uma perspectiva ampla de conhecimento do folclore como um todo orgânico só é possível com a observação criteriosa das sobrevivências assim como das modificações sofridas no transcorrer do tempo. Contudo, não é necessário apenas observar, é preciso, ao modo das pesquisas etnográficas, realizar pesquisas no campo folclórico.

Atribui-se a Mário de Andrade, na década de 40, o início de pesquisas folclóricas, quando ocupou a direção do Departamento de Cultura de São Paulo. Nessa época, determinou algumas equipes para recolher o folclore musical e, ao mesmo tempo, objetos de artesanato popular. O valor dessa coleta teve enorme repercussão e foi um incentivo a uma maior conjugação de esforços. Como resultado prático nasceu, em 1948, a Comissão Nacional de Folclore, pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

Em 1951 aconteceu, no Rio, o primeiro Congresso Brasileiro de Folclore que enfeixou seus trabalhos em proposições aprovadas que vieram a constituir a Carta do Folclore Brasileiro. Esta carta salienta alguns propósitos que são aceitos em sua generalidade como, por exem-

plo, ser o folclore integrante das ciências antropológicas e culturais; de ser o fato folclórico de duplo aspecto: material e espiritual. Sob o aspecto de cultura material, Renato Almeida tem suas reservas. Diz ele: «...entendo que a cultura material só tem interesse folclórico quando se relaciona com a espiritual. Assim um alimento qualquer, por exemplo, só se torna folclórico quando ligado a uma tradição — como em muitos lugares do Brasil, onde as comidas de milho são associadas às festas de São João — ou então relacionado com a magia como as comidas de Santo, servidas no curso de certos ritos fetichistas, embora tenham invadido mesas de pobres e ricos».

A Carta trata ainda do problema da tradição, que se presta a vários debates, assim como o do anonimato do fato folclórico.

Congresso Internacional

Em 1961, reuniam-se folcloristas do mundo inteiro, em Buenos Aires. O Brasil foi representado por Renato Almeida que nos dá as seguintes conclusões: «...o fato folclórico é popular, como expressão da experiência de vida de cada coletividade humana; anônimo, seja por ser desconhecido o seu autor ou autores, seja pela sua despersonalização e por sua aceitação coletiva; tradicional, quer pela sua forma, quer

por seus elementos constitutivos nos meios folk.»

Esse Congresso deixou ainda muito a desejar e as divergências continuam e vão continuar por muito tempo. É o caso de popular, perguntamos, — que é popular? É o que vem do povo, anonimamente? No caso das músicas populares — toda gente canta — esquecida do autor, contudo ela tem autor. José Pijoan diz que o artista popular é intérprete da individualidade submersa no espírito racial, em que ele, inconscientemente, está afogado.

As Reinterpretações

Outro tipo marcante de divergências entre folcloristas brasileiros é o preconceito de que o fato folclórico se origina apenas no passado, sem nenhuma consideração do folclore que nasce a cada instante, também no seio da sociedade industrial.

Os portadores de folclore são encontrados tanto entre os primitivos, como entre as classes populares de modo geral. Se o povo realiza tal prática vamos estudar porque assim faz e com que fim. Nada é gratuito. Pode ser inconsciente, sim, mas não sem raízes e muitas vezes raízes profundas. Daí que é preciso desindiar o fato folclórico tanto em profundidade como em

extensão, relacionando as variantes encontradas no tempo e no espaço em estudos comparativos, nas reinterpretações de fatos cujas conclusões nos parecem fugir à realidade aí focalizada.

O Folclore Brasileiro

Complexo, riquíssimo, variado é o folclore de nosso imenso país. Alguns fatos folclóricos, guardam, é certo, alguma homogeneidade em todo o território nacional, o que não deixa de ser impressionante.

Os românticos começaram a recolher lendas, contos e músicas, depois de Mário de Andrade, como salientamos e as pesquisas tiveram início. Hoje em dia, o «complexo espiritual da nacionalidade», no dizer de Renato Almeida, «onde o folclore está mergulhado, vem sendo científica e criteriosamente recolhido e analisado». Haja visto o interesse que instituições do porte do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais demonstram pelo folclore, tendo, recentemente, realizado um curso, de alto gabarito — tanto pelos temas como pelos professores —, um curso em preparo a pesquisadores de folclore.

Só assim as raízes de nossa nacionalidade virão à tona e serão mais conhecidas, admiradas e amadas.



Se as dificuldades sócio-econômicas do Nordeste são conhecidas amplamente, dentro e fora do Brasil, não faltando vozes para denunciá-las e clamar por soluções, é salutar que se ressalte, igualmente, a grandeza espiritual do nordestino, manifestada através das suas atividades artísticas — o que já significa talvez o maior contributo para se estabelecer, no tempo e no espaço, a marca dessa gente que, embora sofrida na sua condição social e econômica — e neste contexto tem suportado até mesmo as inclemências naturais —, toda grandiosidade nos campos do folclore e das artes em geral.

E aí está um belo exemplo: o Festival de Arte de São Cristóvão, promoção anual que já tem lugar reservado no calendário turístico e cultural de todo o País. Uma iniciativa audaciosa, mormente quando se sabe, levada a cabo em um dos Estados mais pobres da Região. Nosso redator, José Carlos Targino, e o nosso repórter-fotográfico Maurício Coutinho, foram ao Festival de São Cristóvão, este ano, e contam o que viram, com riqueza de detalhes, nesta edição do JU.

EM SÃO CRISTÓVÃO, UM ESPETÁCULO LUMINOSO PARA TODAS AS IDADES

«O Festival de Arte de São Cristóvão foi e será permanentemente a maior inspiração que já se teve em Sergipe, como uma colaboração decisiva ao cultivo do que tivemos de melhor, e do que veremos a ter em termos de arte e de cultura».

As palavras acima, que constituem o primeiro parágrafo de um editorial de «Tribuna de Aracaju», na sua edição do dia 24 de setembro, dão uma idéia exata da enorme importância de que se reveste o Festival de Arte de São Cristóvão, no Estado de Sergipe, realizado este ano pela sexta vez consecutiva.

Um acontecimento, por sinal, duplamente importante: primeiro porque, sendo Sergipe o menor e um dos mais pobres Estados nordestinos, aparentemente não teria condições de realizar um espetáculo de tamanha magnitude (todo ano, dezenas de grupos artísticos, procedentes dos mais diversos e diferentes rincões do País, tomam de assalto a pequenina mas exótica cidade de São Cristóvão); depois — e aqueles que costumam assistir ao Festival podem comprová-lo — o nível estético dos espetáculos é quase sempre exemplar.

Não se deve, contudo, exigir perfeição absoluta de semelhante promoção. Mesmo porque, nada nem ninguém é perfeito, convenhamos. Mas, levando-se em conta as suas próprias (e pobres) condições, e ainda a costumeira ajuda do Governo Federal, Sergipe — ou mais precisamente São Cristóvão — levou a cabo uma linda festa.

A festa

Uma festa cujo brilho sequer foi manchado pelas alterações sofridas na programação oficial. De fato, pois alguns grupos artísticos, aguardados com inusitada expectativa, como a Orquestra Romançal Brasileira e o Duo Vetere, o primeiro do Recife e o segundo do Rio de Janeiro, estranhamente deixaram de comparecer. Também não se apresentaram o Trio Vila Lobos, da capital sergipana, e o Grupo Ambiente, de Olinda, apesar deste último estar em Aracaju.

É difícil apontar a maior atração do VI Festival de São Cristóvão. Poder-se-ia dizer: «foi o Quinteto Vila Lobos, do Rio de Janeiro», mas aí poderíamos estar cometendo uma injustiça com o Teatro Livre da Bahia. Ou com o grupo de Dança Moderna da Universidade de São Paulo. Ou com o Conjunto Instrumental de Câmara, da Universidade Federal de Pernambuco, cuja apresentação chegou a ser aplaudida de pé. Ou mesmo com outros grupos.

O Teatro Livre da Bahia, criado em 1968 por Sonia dos Humildes e Alberto D'Aversa, foi uma das maiores sensações deste VI Festival. Trata-se de uma fulgurante experiência de teatro popular, revolucionária mesmo, capaz de contagiar quaisquer camadas sociais. Em 1975 participou do X Festival Mundial de Teatro de Nancy (França) e excursionou, a convite, por vários países da América Latina. Ao retornar, deu início a uma nova etapa de trabalho promovendo a divisão do grupo em diversos setores: Teatro de Rua, de Câmara, de Bairro, para Criança, Oficina de Teatro e Teatro Profissional.

Em São Cristóvão, porém, somente duas dessas modalidades foram movimentadas: o Teatro de Rua, que apresentou **A Chegada de Lampião no Inferno** e **Felsmina Engole Brasa**, e o Teatro de Câmara, que fez uma leitura dramática do primeiro ato da peça **Os Fuzis da Sra. Carrar**, do alemão Bertolt Brecht. Por motivos óbvios, a primeira modalidade mereceu muito mais aplausos. Na realidade, o Teatro de Rua dos baianos de Salvador constitui uma experiência bastante próxima do que se convencionou chamar «happening». Seus componentes possuem uma impressionante capacidade de deslocamento, uma desinibição cativante, além de uma mise-en-scene perfeita.

GRUPOS

Durante a apresentação do grupo de Dança Moderna da USP, no Palanque Oficial, uma das bailarinas pisou em falso e contundiu um pé. Logo socorrida, contudo, constatou-se que nada de grave havia acontecido. A grande performance dos dançarinos parece ter sido menos aplaudida do que a beleza física das moças que compunham o grupo. Um espectador chegou a comentar: «Não pensei que as paulistas fossem tão bonitas». E eram realmente, mas importância maior deveria ter sido conferida ao espetáculo proporcionado pelas moças.

O Conjunto Instrumental de Câmara, da UFPE (está ligado ao DEC), foi largamente elogiado pelos organizadores da festa. A Professora Albertina Brasil Santos, responsável pela Coordenação Geral, foi quem fez os maiores elogios. Para ela, as quatro moças e o rapaz do Conjunto «tiveram um desempenho maravilhoso». Mas eles alegaram, depois, que costumam tocar melhor. No momento da apresentação, porém, confessaram um certo nervosismo. Daí a surpresa com a unanimidade dos aplausos.

O Coral Universitário da UFPE, que cantou logo no primeiro dia do Festival, incluiu no seu programa um linda ária, intitulada «Ach, Grosser König», da **Paixão Segundo São João**, do mestre

alemão J. S. Bach. O Coral Universitário realizou uma boa apresentação, mas tudo indica que o público tem uma certa dificuldade em assimilar satisfatoriamente semelhante tipo de espetáculo. **A Corte Vai Dançar**, um maracatu de autoria do próprio regente do coral, o maestro José Amaro, foi o número mais aplaudido. O maestro José Amaro, um profissional competente e realmente apaixonado pela música, está realizando um promissor trabalho no coral — que, por sinal, foi fundado há muito pouco tempo.

«Embora o mamulengo não tenha tradição na Bahia, aqui um teatro de bonecos está naturalmente muito mais próximo da cultura regional popular da tradição nordestina do que as formas de teatro de bonecos de estética européia adotada no sul do País». É o que pensa um dos componentes do Teatro de Bonecos da Universidade Federal da Bahia. Este grupo pretende pesquisar, difundir e recriar o teatro de mamulengos, que está desaparecendo à medida que os mamulengueiros populares autênticos estão desaparecendo também. O que não impediu, contudo, o enorme sucesso alcançado pelos mamulengueiros baianos.

Artesanato vendeu bem

As lojas de artesanato espalhadas pela cidade — que ofereciam desde cerâmica em modelagem e pintura até bonecos de barro — venderam mais do que nos anos anteriores. A própria Coordenadora de Artesanato da Empresa Sergipana de Turismo (ENSETUR), Professora Teresinha Lemos de Araújo, mostrou-se satisfeita com tal perspectiva. «De qualquer maneira», disse ela, «a cada ano melhoram as vendas».

A cidade

São Cristóvão, situada no litoral sul sergipano, entre os rios Poxim e Vasa-Barris, é uma cidade de aspectos nitidamente barrocos. Fundada em 1590, cinco anos depois foi transferida para outro local, atendendo a motivos de segurança. Achava-se, então, ameaçada por índios e franceses. Em 1607, por fim, houve uma última mudança para o local onde está atualmente. Os holandeses a destruíram quase totalmente em 1637, mas foi logo reconstruída. Primeira capital do Estado, somente em 1855 é que deixou de sê-lo. Suas atividades econômicas principais são: no campo da agricultura, cana de açúcar, mandioca e coco; no da pecuária, bovinos, suínos e equinos; e no da indústria, tecidos.

São Cristóvão possui um ginásio de esporte, coberto, um clube social, uma biblioteca pública e dois museus, sendo um de arte sacra. Segundo o último Censo Demográfico, sua população é

de 20.409 habitantes, dos quais a metade, 10.257 pessoas, reside no campo. Seu calendário de festas registra três eventos particularmente notáveis: a Festa de Senhor dos Passos, uma tradicional festa religiosa que se caracteriza pela procissão que percorre a cidade em homenagem ao Senhor dos Passos; Festa de São Cristóvão, em comemoração ao dia deste santo, padroeiro dos motoristas. O evento ganha maior destaque pela participação de motoristas às solenidades; e, finalmente, o Festival de Arte de São Cristóvão — o mais importante de todos. Trata-se, em suma, de um acontecimento de grande significação, pois tem a finalidade de contribuir para a elevação cultural da população sergipana, segundo seus organizadores.

As igrejas

Em dias normais, as igrejas constituem verdadeiramente a principal atração de São Cristóvão. São muitas, e todas possuem alguns séculos de existência. A Igreja de Nossa Senhora da Vitória, por exemplo, foi fundada nos tempos dos Felipes da Espanha. São muito belas suas torres revestidas de azulejos brancos. Do lado direito da nave, há uma pequena capela do Santíssimo com altar de telha. O forro da capela-mor é pintado e possui um painel.

Uma pedra gravada em cima do portal de sua entrada assegura que a Igreja da Ordem Terceira do Carmo foi fundada em 1713. Existe no seu interior uma coleção de ex-votos contendo diversos objetos que representam os pagamentos de promessas feitas por fiéis. O estilo arquitetônico possui as linhas do barroco colonial. Também de características barrocas é a Igreja da Misericórdia, que já existia por volta de 1627.

Há uma igreja, a de Nossa Senhora do Amparo, na qual não se deve penetrar. Construída em 1690, o estado de conservação do prédio é tão precário que chega a ser uma temeridade penetrar no seu interior. Mas a sua fachada pode ser observada sem maiores problemas. O que não ocorre com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cujo estilo é barroco jesuítico, muito simples, com trabalho de cantaria na porta de entrada. Data do século XVII e serviu, durante muito tempo, à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pardos.

A Igreja (e também Convento) de São Francisco foi construída por um religioso, o franciscano Palácios, em 1693. No Convento funcionou a antiga Tesouraria Geral da Província, no tempo em que São Cristóvão era capital de Sergipe. Em outro salão do Convento esteve instalada a Assembléia Provincial.